A CENA MUDA

Nº 21 ★ 26-5-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

O CINEMA CONQUISTA O ESPAÇO

★ SEGREDOS DE AVA GARDNER

★ PASSOU PELO RIO O "BALLET" DE CUEVAS



Ava Gardner

Os seus pés devem ser um ponto de Admiração



Qualidade · Preço
Originalidade
são os 3 encantos
da INSINUANTE

Creação de Mister
JAMES para a Sapataria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

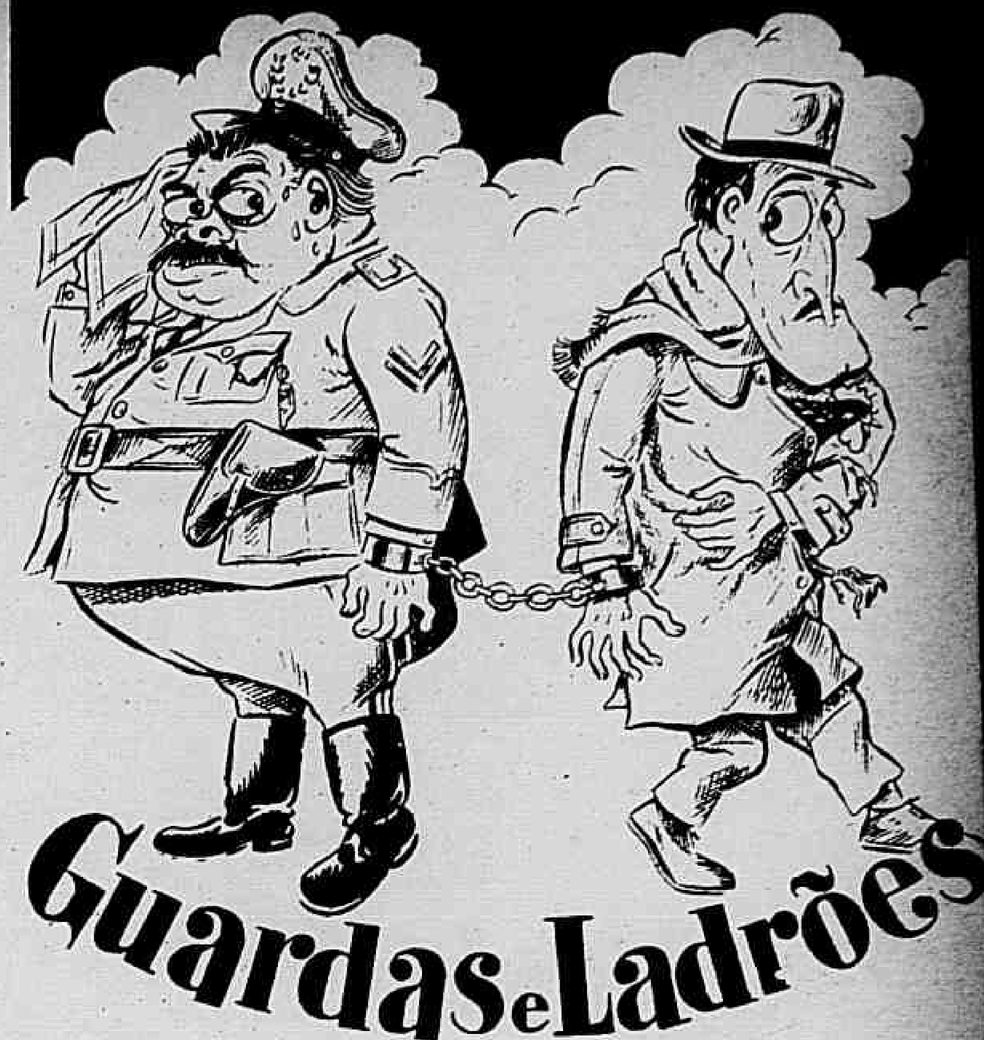
É a maior e melhor
Sapataria da America
Latina, e é tambem
uma galeria á sua
disposição.



Aldo Fabrizi (o guarda) e Ave Ninchi (sua espôsa), encontram um ladrão em potencial.

PRÉ-ESTRÉIA

4



A estrear em Junho no FESTIVAL ART-FILMS

GUARDAS E LADRÕES — PRESENCIADO NO URUGUAI

História baseada em um conto de Piero Tellini. Tudo se origina de um delito praticado por um meliante. Levado para o lado pitoresco e cômico, cria-se uma disputa entre o falcatruador e o agente encarregado da sua captura. Em meio de perseguições e da ânsia do aprisionamento, espontâneo e naturalmente surge a compreensão entre os dois homens. Durante todo o desenrolar, o ladrão procura escapar. Entretanto, no epílogo, quebra-se o ânimo do policial e êste pretende que o acusado fuja. Contra o desprendido gesto, rebela-se o meliante que ainda insiste para o cumprimento do dever policial. Através do pitoresco do caso, são focalizadas duas famílias, tanto do ladrão quanto do inspetor. Ambas de classe modesta, favorecem, com a naturalidade de suas existências, o humano sentido geral do conto. Sempre que possível um retoque de ironia e de sátira, trazendo ao assunto um cunho de irreverência de certo modo original e inegàvelmente bem divertido.

A direção de Steno e Monicelli fornece a lembrança de ter obtido a medida exata para cada situação. O filme diverte muito porque jamais impera o exagêro. Em meio de um entretenimento, insinua-se a tese de que mesmo entre guardas e ladrões é possível haver um congraçamento humano. Isto é revelado discretamente, quase sem se fazer sentir. As situações mantém a naturalidade que atualmente é o apanágio do cinema italiano. De tal forma agradável a unidade do transcurso que deixa de ser um filme de Aldo Fabrizi — conforme geralmente ocorre nos celulóides dêste grande ator — para se firmar em um impacto com ótima qualidade geral. Há uma série de preciosas minúcias bem no plano do bom cinema italiano, as quais são refletidas dos pequenos intérpretes. Há sempre uma tendência para a cinematografia peninsular em aproveitar crianças nas histórias de seus filmes. Aldo Fabrizi, mais uma vez, integrado nas suas excepcionais qualidades. Todavia, a grande surprêsa foi Totó. Para quem o tem visto em uma série de despropositadas farsas, nunca seria possível imaginar que se humanizasse de tal forma. Contracena perfeitamente bem ao lado do grande Fabrizi e isto significa um elogio muito eloqüente. Ave Ninch em personagem identificada com suas prerrogativas vem em terceiro plano. Os demais mantêm o equilíbrio geral do conjunto.

J O N A L D

SUMÁRIO

CENA nº 21, de 26 de maio de 1954

REPORTAGENS ESPECIAIS

Êxodo para o cinema italiano 4
Os melhores de todos os tempos 6
Quais os filmes que desejaria rever? 12
O cinema conquista o espaço 14
Passou pelo Rio o "ballet" de Cuevas 26
Segredos de Ava Gardner 31

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-Estréia: "Guardas e Ladrões" 3
Os grandes vultos: Arletty 10
Curiosidades e "close-ups" 20
Cinema brasileiro 22
Novela das imagens 24
Cartazes em revista 28
De todo o mundo 30
Teatro 32
Rádio 32
Página do leitor 33



Um sadio romance de amor é o contraponto da sátira impregnada de sentido humano.



Barbara Payton que não consegue trabalho em Hollywood: emigrante em perspectica.

ÊXODO PARA O CINEMA ITALIANO

A EUROPA ATRAI OS "ASTROS" de HOLLYWOOD

De MARIA LUIZA, exclusivo para «A CENA»

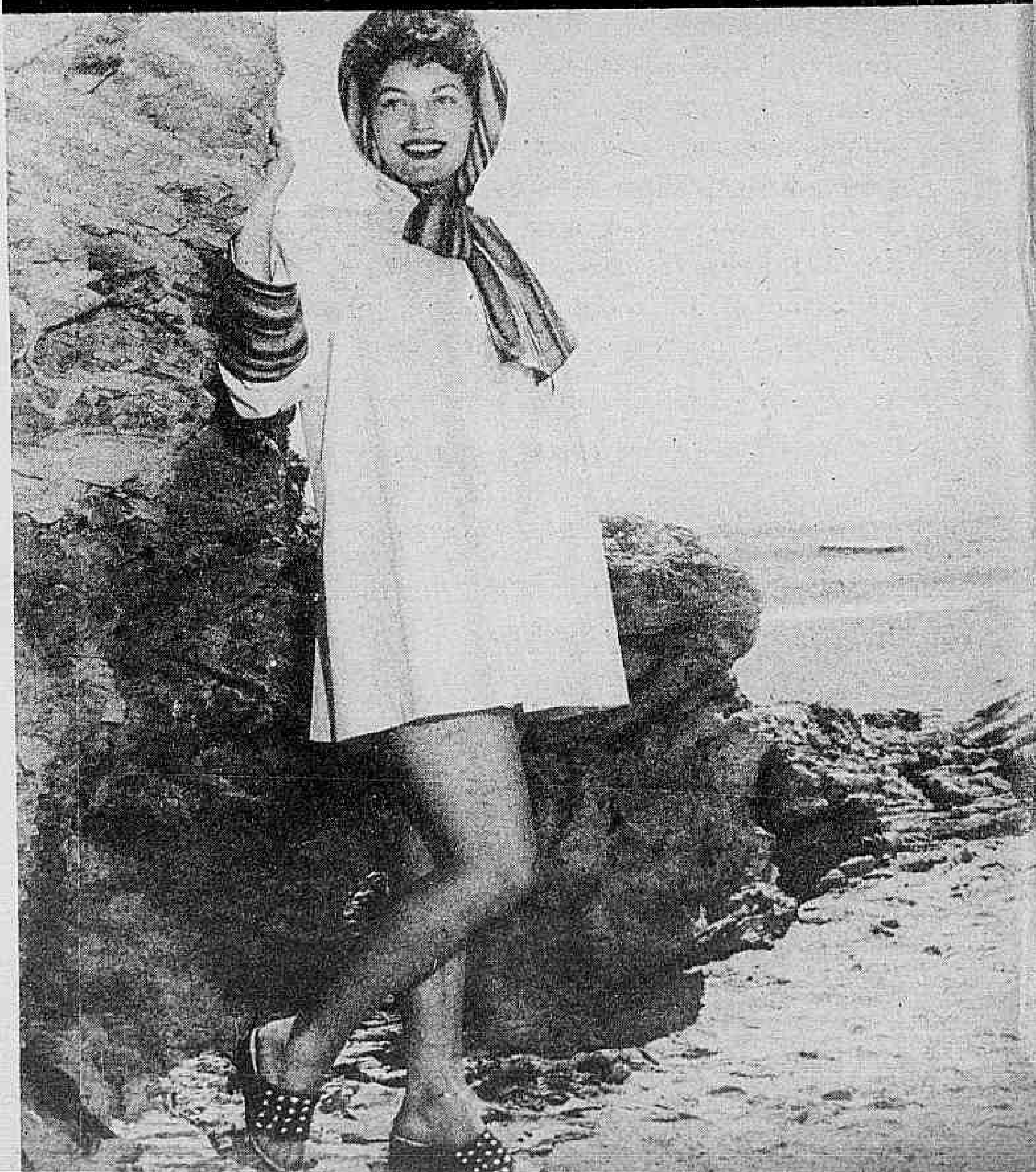
A crise que ora afeta o cinema americano vem criando aspetos bastante pitorescos no panorama da indústria. Lutando para sobreviver, Hollywood continua fazendo, salvo raras exceções, películas cada vez mais fracas, mas procurando despertar o interêsse do público com a criação de novos processos técnicos, ou instituindo «estrêlas» sensacionais, com o fito de fazer reviver o culto do vedetismo.

Cedo compreenderão que o caminho por que enveredaram não conduz a bom têrmo. O 3-D caiu em desuso quase completo nos estúdios americanos e o próprio J. Arthur Rank está um tanto descrente do êxito do CinemaScope. Passado o sabor da novidade, o prestígio de Marilyn Monroe não bastará para atrair o público ao cinema.

Entrementes, a crise continua insolúvel, ocasionando outro fenômeno: o êxodo dos grandes e pequenos cartazes de Hollywood. Com a baixa da produção anual, os «astros» americanos aderem em grande escala à co-produção. Kirk Douglas, Pier Angeli, Anthony Quinn, Humphrey Bogart, Ava Gardner, Yvonne De Carlo são alguns dos mais populares adeptos das co-produções américo-européias. Estas famosas personalidades fazem uma viagem de recreio, divertem-se, mudam de ares, filmam um pouquinho, ganham milhões, aumentam a popularidade e, depois voltam refeitos à terra natal, encontrando à sua espera meia-dúzia de produtores ansiosos por contratarem seus serviços.

Mas para outra categoria de artistas, a Europa é a nova terra da promissão. Êstes não encontram trabalho em Hollywood, já tendo perdido seu prestígio para outros mais jovens, com novos atributos que segundo a opinião dos produtores, agradam mais ao público. São os «ex-cartazes» que vão sendo jogados gradativamente das grandes produções aos filmes de segunda linha, até que um dia, desaparecem completamente do mercado. Por onde andam Hurd Hatfield, Lon Mac Callister, Martha Vickers e outros? Provàvelmente fazendo teatro, enquanto acalentam o doce so-

Ava Gardner cruza permanentemente o Atlântico: trabalho em co-produções.





Kirk Douglas, um dos atores mais em evidência na atualidade: provável produtor na França.



Zachary Scott, no ocaso do «estrelato», procura reabilitar seu prestígio nas co-produções.



Montgomery Clift: sua grande aspiração era ser dirigido por De Sicca.

nho de um contrato que dê novo impulso às suas carreiras. Para êstes, a oportunidade de emigrar e atuar no cinema europeu, ainda que em produções insignificantes, é um verdadeiro achado.

Dentre os «enjeitados» de Hollywood estão Zachary Scott, George Raft, Paul Henreid, Cesar Romero, Paulette Goddard, Alexis Smith, Robert Preston e Dane Clark, que atravessam freqüentemente o Atlântico Norte a fim de atuar em produções classe «B» nos estúdios britânicos. Também a loura Barbara Payton, desde que causou a cena de pugilato entre Tom Neal e Franchot Tone, não consegue trabalho nos grandes estúdios. A Inglaterra acolheu-a calorosamente, e ela por lá ficou. E agora que tôda a linhagem de «Monte Cristo» foi apresentada na tela, sempre vivendo as mesmas aventuras, Louis Hayward perdeu o emprêgo. Atualmente vagueia pela Europa, da Itália à Inglaterra, eternamente de capa e espada.

Êsse fenômeno originou agora uma indústria subsidiária da cinematográfica. Existe na Inglaterra um cavalheiro que se dedica ao moderníssimo tráfico de «estrêlas» decadentes. Chama-se êle Major James Carreras, e trabalha em combinação com a firma Lippert Prod. de São Francisco, que distribui nos Estados Unidos, em condições excepcionais, êsses produtos americanos «made in Great Britain». E com a diminuição das filmagens nas grandes companhias, que se concentram agora nas super-produções, fica aberto um caminho para as produções independentes que podem ser distribuídas, sem o perigo da concorrência de rivais importantes, em circuitos menores. O sucesso dos filmes é garantido pelos nomes que encabeçam o elenco. E o lucro líquido do Major é de um mínimo de 60.000 libras esterlinas por filme.

E assim, numa indústria onde (naturalmente) não existem filantropos, mas exploradores, o novo êxodo não representa mais que outro bom negócio, para alguns.

Shelley Winters atuou na Itália: descobriu um marido italiano em Hollywood — Vittorio Gassman — mas veio o divórcio.



A graciosa Pier Angeli: um pé na Itália e outro na América.



«Rebbeca», de Alfred Hitchcock (United), com Laurence Olivier e Joan Fontaine.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"
(Continuação dos números anteriores)

1 9 4 0

Após a resenha dos dez melhores filmes do ano de 1940 seguimos para outras realizações de grande vulto. A ordem em que são relacionados, conforme vem sendo observado, em outros anos, não obedece a um seguimento no tocante à qualidade. Ao contrário, o conjunto a seguir forma um impacto geral de valor.

"NINOTCHKA" (Metro) de Ernest Lubitsch. A idéia foi de satirizar costumes e atos comuns aos soviéticos. Realização de fim de contrato para a genial Greta Garbo que superou tôda a expectativa, estando notável nessa comédia, ao lado de Melvyn Douglas; "REBBECA", de Alfred Hitchcock (United). O livro de Daphne de Maurier proporcionou ao grande diretor inglês a oportunidade de obter uma atmosfera descritiva e profundidade interior. Laurence Olivier e Joan Fontaine muito precisos em seus desempenhos; "...E O VENTO LEVOU", Victor Flemming (Metro). Apesar de suas concessões ao espetacular, o filme que, em grande parte, contou com a direção de Sam Wood, na melhor fase da carreira, foi um belo espetáculo. Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Haviland, Clark Gable e outros viveram grandes momentos das suas carreiras; "TUDO ISTO E O CÉU TAMBÉM", de Anatole Litwak, fixando tôda a densidade da obra de Rachel Field e obtendo o máximo de Bette Davis e Charles Boyer; "A ENFERMEIRA EDITH CALWELL", de Herbert Wilcox (Grã Bretanha, distribuição RKO). Outro grande filme biográfico em tôrno de vultos que deixaram um exemplo para a humanidade. Precisos e dignos — à altura do tema — os desempenhos de Anna Neagle (particularmente) e George Sanders; "HORAS ROUBADAS", de Harold C. Bouquet (Metro). Extraordinária obra de cinema, que passou despercebida para o grande público. O assunto, envolvendo um tema de origem espírita, foi admiràvelmente tratado e desempenhado por Sir Cedric Hardwicke, Lionel Barrymore e Bob Watson; "HOTEL DO NORTE" (França), um dos magníficos filmes de Marcel Carné, com Louis Jouvet, Annabella, Arletty e Jean Pierre Aumont; "AS QUATROS PENAS BRANCAS" (Grã Bretanha). No gênero épico e aventureiro, deixou gratas lem-

«Carícia fatal» (Hal Roach), do grande Lewis Milestone, com Lon Chaney Jr., Burgess Meredith e Betty Field, admiráveis nas personagens do livro de Steinbeck.

«Tudo isto e o céu também», de Anatole Litwak (Warner), com Bette Davis e Charles Boyer.

«Ninotchka», de Lubitsch (Metro), com a genial Greta Garbo e Melvyn Douglas.

O romantismo de «A ponte de Waterloo» (Metro), de Mervyn Le Roy, com Vivien Leigh e Robert Taylor.

branças. Zoltan Korda orientando John Clemens e Ralph Richardson; "A PONTE DE WATERLOO", de Melvin Le Roy, mas bem influenciado pela contagiante poesia do produtor Sidney Franklin. Vazado em atmosfera de lirismo, foi outro dos belos filmes do ano de 1940. Vivien Leigh em mais um dos seus extraordinários desempenhos, destacando-se também os de Virginia Field, Robert Taylor e Sir C. Aubrey Smith; "CAMINHO DO FRONT", de Leonide Moguy (França), conduzindo com maestria um episódio amoroso que ocorre na primeira guerra mundial. Corine Luchaire, uma atriz plena de sensibilidade e Jean Pierre Aumont os protagonistas centrais; "CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO", de Alfred Hitchcock, conduzindo um notabilíssimo clima de "suspense", dos mais emocionantes da sua carreira. Joel Mac Crea e Larraine Day em muito bons desempenhos; "AS MULHERES", de George Cuckor (Metro). A peça de Clare Both, que devassa a feminilidade e as fraquezas do sexo frágil encontrou em George Cuckor um grande diretor. Norma Shearer, Paulette Goddard, Joan Fontaine e outras; "CONFLITO" (França), de Leonide Moguy, em franca ascenção artística, orientando Corine Luchaire e Roger Duchesne; "ALMAS REBELDES" (Metro) Frank Borzage, orientando um drama de fundo psicológico com raro vigor. Joan Crawford e Clark Gable lograram muito destaque; "ROBERT KOCH" (Alemanha). Uma réplica vinda da Europa ao "ciclo" biográfico que se fazia sentir nos Estados Unidos. Emil Jannings, em um dos seus últimos trabalhos de importância, viveu o cientista e Werner Krauss teve outra grande atuação; "MISTÉRIO DO COLÉGIO" (França), de Christian Jacque. Re-exibido no Festival Internacional de São Paulo. A expectativa é bem mantida no filme e o pouco comum do ambiente descritivo contribui para um interêsse fora do comum; Eric Von Strohein em uma personificação diferente, saiu-se tão bem quanto às outras; "EU SOUBE AMAR", de Edmund Goulding (Warners). Acentuada finura e penetração marcavam o filme que teve em Bette Davis e Miriam Hopckins duas grandes atrizes; "O CORCUNDA DE NOTRE DAME" (RKO) de William Dieterle fixando muito bem o livro de Victor Hugo. Excelente o desempenho de Charles Laughton. Maureen O'Hara foi a heroína. Particularmente célebre a versão silenciosa do mesmo assunto, com Lon Chaney (1923) e direção de Wallace Worsley; "MEU REINO POR UM AMOR" (Warners), de Michael Curtiz. A vida adulta da Rainha Elizabeth, da Grã Bretanha que, há pouco, mereceu da Metro a fixação em imagens da fase de adolescente ("Rainha Virgem"); "CONDE DE CHICAGO" (Metro). Um notável filme de "suspense", da série que Robert Montgomery tão bem interpretou e cujo início foi marcado com "A noite tudo encobre", já repassado nesta resenha. No elenco, Edward Arnold; "NÃO ESTAMOS SÓS" (Warners). O assunto versa sôbre terríveis coincidências que levam à condenação um inocente. Edmund Goulding em um trabalho de alto valor. Paul Muni, Jane Bryan e Flora Rob-



«... E o vento levou» (Metro), de Victor Flemming (Sam Wood e outros, também dirigiram), com Vivien Leigh e Clark Gable.

«Ciladas», o grande filme de expectativa e «suspense», de Robert Siodmak, na França, com Eric Von Stroheim e Maurice Chevalier.



«Conflito», de Leonide Moguy (França), com Corine Luchaire e Roger Duchesne





«Pedro, o grande», de V. Petrov (União Soviética), com Tharkhanov, N. Cherkassov e Jorov.



«Mr. Schmidt goes To Washington», de Frank Cappra (Columbia), com James Stewart e Jean Arthur.



«As mulheres», de George Cuckor (Metro), a esplêndida versão da peça de Clare Booth, com Norma Shearer, Rosalind Russell, Paulette Goddard e Joan Fontaine.

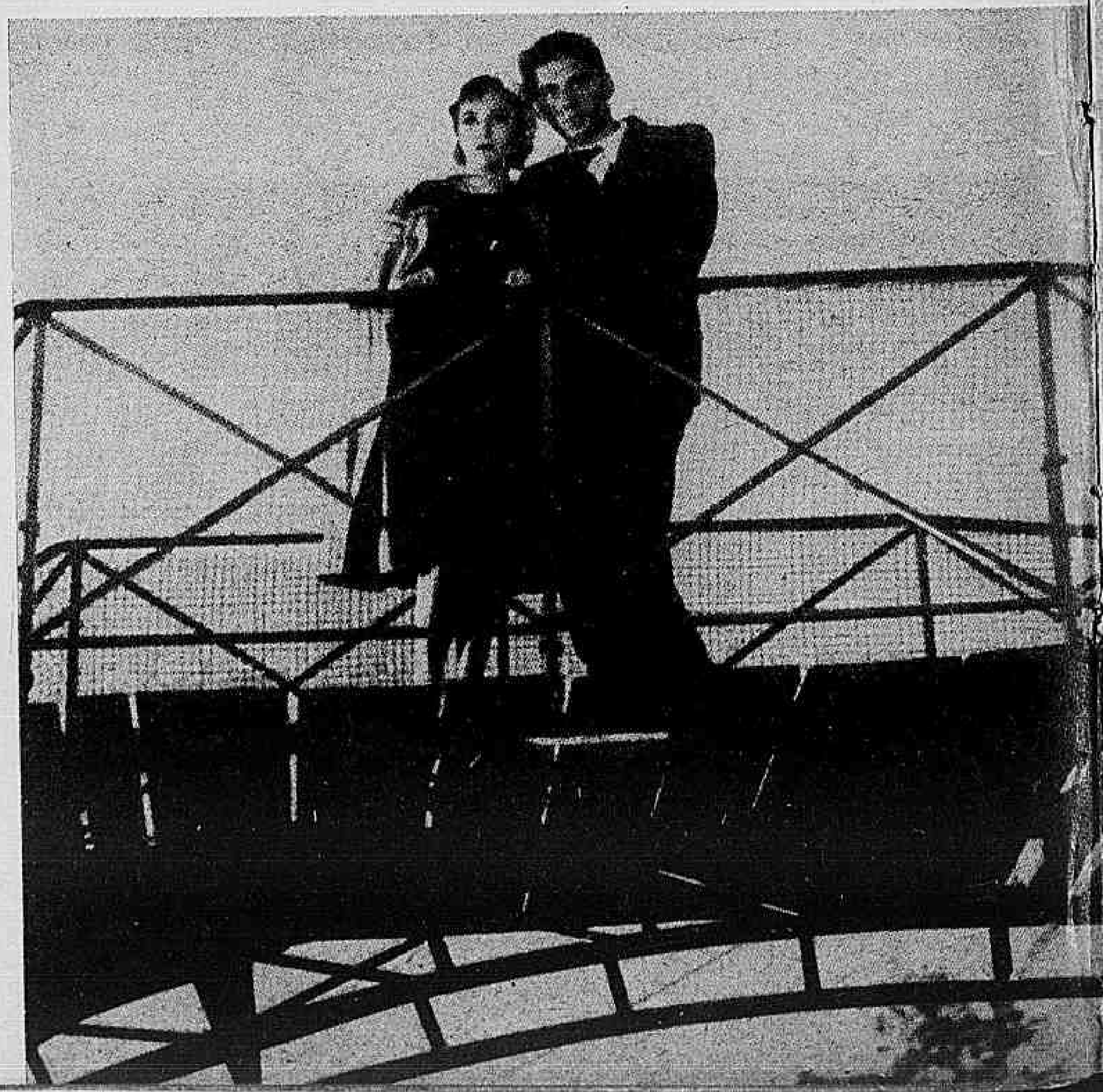
«No tempo das diligências», de John Ford (United), com John Wayne, Claire Trevor, John Carradine.



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

son cumpriram impressionantes desempenhos; "A MULHER FAZ O HOMEM" (Columbia). Outro grande trabalho de Frank Cappra — "Mr. Smith Goes To Washinton" — no qual a sua crítica social, irônica e irreverente, proporcionou outro sucesso à série que realizou na Columbia. James Stewart e Jean Arthur estiveram esplêndidos; "QUATRO ESPÔSAS" (Warners), de Michael Curtiz, no seguimento de assuntos familiares compostos com muita felicidade. Os outros, "Quatro filhas", "Irmãs", etc., foram um pouco superiores mas êste manteve o alto nível de naturalidade humana. Claude Rains e Priscila Lane os dois mais destacados do elenco; "A LUZ QUE SE APAGA" (Paramount). Baseado no poema de Kipling forneceu ensejo ao grande cineasta William Wellmann de um brilhante filme. Ronald Colman e Ida Lupino, excepcionais atores, foram outros sustentáculos de valor; "O POVO ERRANTE" (França), de Jacques Feyder, fixando a odisséia dos judeus. Françoise Rosay e André Balé as personagens centrais; "O PÁSSARO AZUL" (20th. C. Fox). Refilmagem de famoso filme do cinema silencioso. Sugeriu o encantamento da história e a Shirley Temple e John Russel boas atuações; "ATIRE A PRIMEIRA PEDRA" (Universal). Um filme contado com muita ironia e tinha por ambiente o velho oeste americano. Marlene Dietrich e Hans Stuwe foram os principais; "O HOMEM QUE VOLTOU DO OUTRO MUNDO" (França), de Pierre Chenal, uma meritória contribuição aos filmes de ansiosa expectativa. Isa Miranda e Pierre Blanchar em pontos altos das suas carreiras; "EDSON, O MAGO DA LUZ" (Metro). Clarence Brown conduzindo muito bem um importante relato biográfico. Spencer Tracy e Rita Johnsson conduziram-se com destaque; "O JOVEM THOMAS EDSON (Metro), Norman Taurog orientando tão bem quanto a continuação acima, a vida do inventor da lâmpada elétrica, o gramofone, a locomotiva elétrica, a máquina de escrever, etc. Mickey Rooney e Fay Bainter, os principais elementos; "PASTEUR" (França). Outro filme biográfico trabalhado com muita honestidade e respeito. Embora mais fiel a certos fatos da vida do genial Pasteur, não superou a versão americana, de Dieterle. Direção e principal desempenho de Sascha Guitry; "CAMARADAS" ("La Bel-

«Hotel do Norte», de Marcel Carné (França), com Jean Pierre Aumont e Annabella.



le Equipe", França). Julien Duvivier, em trabalho de tocante expontaneidade, orientando um extraordinário elenco: Jean Gabin, Charles Vanel e Viviane Romance; "GALANTE AVENTUREIRO" (United), William Wyler, embora em tema fora das suas habituais características, provou que desde 1940 estava apto a orientar filmes de grande valor, em temas alegres e simples conforme, entre outros, sucederia em 1954, com "A princesa e o plebeu"; "PINNOCHIO" (RKO). O gênio de Walt Disney ainda na sua melhor fase; "CAVALGADA DE AMOR" (França), de Raymond Bernard, uma curiosa história, digna de ser refilmada, proporcionando boas atuações de Simone Simon e Claude Deschamps; "MULHER FATAL" (França), de Marc Allegret, com um dos maiores atores que o cinema mostrou, em qualquer época: Raimu, contracenando com Michèle Morgan: "DIAS SEM FIM" (Warners). Mais um primoroso trabalho diretorial de Anatole Litwak, com um sentido humano que se harmonizou aos desempenhos de Ann Sheridan, Pat O'Brien e John Garfield; "ULTIMATUM" (França). O retôrno do célebre diretor Robert Weine, o orientador de "O gabinete do dr. Caligari" (1919), "Roskolnikof" (1923), "As mãos de Orlac", etc., sem tôda a inspiração de outrora, mas com muito bom resultado. Eric Von Strohein e Dita Parlo em belos desempenhos; "IRENE" (Grã Bretanha). O excelente diretor britânico Herbert Wilcox, orientador, entre outros, de "Rainha Vitória", mostrou-se muito bem em gênero leve. Anna Neagle e Ray Milland cumpriram "performances" de agrado; "MINHA ESPÔSA FAVORITA" (RKO). Uma das curiosíssimas comédias de Garson Kanin, orientando Cary Grant e Gail Patrick; "ÍDOLOS DE BARRO", (Paramount), Frank Borzage orientando um drama intenso, com a sua capacidade de outrora em torná-lo humano e belo. Akim Tamiroff, John Howard e Dorothy Lamour; "ÚLTIMO ENCONTRO" (Warners), Edmound Goulding, na fase mais inspirada da sua trajetória, logrando belo papel com Merle Oberon, George Brent e Pat O'Malley; "A CASA DAS SETE TÔRRES" (Universal), Joe May, grande cineasta alemão, em inóspito tema de fundo policial, obteve uma louvável produção. George Sanders, Vincent Price e Margaret Lindsay as destacadas figuras; "A MORTE ME PERSEGUE" (Warners), de William Keighley, um filme de ação intensa, adequado ao seu estilo. George Raft, James Cagney e Jane Bryan; "A IMPERATRIZ LOUCA" (Vitagraph). Filme histórico, de Miguel Contreras, com grandes desempenhos de Jason Robards e Medea Navarro na Imperatriz louca;

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



«Não estamos sós», de Edmund Goulding (Warner), com Paul Muni em grande desempenho.



«Recife de coral», de Maurice Gleize, com Jean Gabin e Michelle Morgan.

«As irmãs», de Anatole Litwak, com Bette Davis, Errol Flynn e Anita Louise.





«Verdi», de Carmine Gallone (Itália), com Fosco Giachetti, Pierre Brasseur e Gaby Morlay.

«Gunga Din» (RKO), com Cary Grant, Douglas Fairbank Jr. e Victor Mac Laglen.



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE (E DO PASSADO)

IX - ARLETTY



Apesar de amadurecida pela idade, Arletty conserva ainda um lugar privilegiado entre as atrizes da França.

De H. ANDERSEN, exclusivo para «A CENA»

Arletty, nascida a quinze de maio de 1898, com o nome inadequado de Léonie Bathiat, entrou silenciosamente para o cinema, fazendo modestas aparições, e acabou tornando-se a grande dama da arte de representar.

Seu nome Bathiat, parece ser de origem tcheca e Arletty confessa que uma ascendência boêmia não a desgosta e talvez encontre-se nos ancestrais ciganos a resposta do exótico e belo rosto moreno de Arletty.

A mãe de Leónie ou Arletty era lavadeira e o pai mineiro. A atriz diz então não ter sido educada pois ela se educou. Era extremamente religioso quando criança, mas a medida que a infância se afastava, ia deixando o seu espírito todo aquêle misticismo, aquela religiosidade, e Arletty tornou-se atéia.

Quando estava na bela idade de 16 anos, numa festa em Neu-Neu, Arletty descobre La Goulue, rainha de Paris de então, e passa-se um pitoresco episódio, que teve alguma relação, ainda que longínqua, com a entrada de Arletty para o teatro.

Em 1913, os seus pais trabalhavam àrduamente para tornar Léonie numa steno-dactilógrafa, mas em 1914 durante a guerra perde o pai num acidente, e na miséria, procura um emprêgo, tornando-se então operária de uma usina, onde o «slogan» era «Des canons, des munitions». Sôbre uma máquina antidiluviana Arletty tinha a tarefa de cilindrar pequenas peças de aço para obus. Os obuses assustavam a jovem, e o chefe de atelier ao examinar a peça disse-lhe: «mas êste não matará ninguém! Está imprestável!» e a jovem que era então extremamente frágil e magra passou para o serviço de contrôle. Lá Arletty verificava os obuses fabricados nas armas, que interessavam. A jovem não dava para isso e optou pela carreira de manequim.

Foi também modêlo de pintores famosos: Braque, Matisse e Van Dongen.

Mas o teatro começava a atrair Arletty, que entra para tomar parte em peças musicadas. Entre as mais famosas conta-se «Fric-Frac» e «Le Bonheur Medames»; estas ofereceram a atriz grandes recordações!

Depois do teatro veio o cinema, e Arletty encontrou então a sua verdadeira arte. Seu primeiro filme «Enlevez-moi» de Léonce Perret. Seguiram-se uma série de películas sem maior importância como «Vou lez-vous être ma femme?» ou «La guerre de Valses» feita em Berlim.

Em 1938 Carné preparava o seu grande filme «Hotel du Nord». Atores de renomada estavam presente formando um elenco de primeira grandeza. Em 1939, «Le jour se lève» que

Arletty em «Os Visitantes da Noite», de Marcel Carné, um dos seus maiores desempenhos.





Ao lado de Jean Gabin, em «O Trágico Amanhecer», outra inesquecível criação

reunia um trio soberbo, deu a Arletty a oportunidade de representar numa obra de Prévert.

Seu papel era sensual e terno, e ela era então uma bela mulher. Em 1939 ainda a «estrêla» é acolhida para participar em «Fric-Frac», película realizada por Maurice Lehmann, que tinha como colaborador o iniciante (naquela época), Autant-Lara. Em «Circonstances atténuantes», Arletty era a personagem fria, cínica e má.

Em 1941, foi «Madame Sans-Gêne» e logo depois aparecendo em «Les Visiteurs du Soir». Assim, de um filme bem parisiense ela toma parte numa película poética e foi escolhida pelo próprio Prévert. Quem poderá esquecer da demoníaca Dominique? Fatal sedutora, enviada direta das profundezas do inferno, Dominique ou Garance? Se houvesse alguém que pudesse esquecer de «Les enfants du Paradis», poderia esquecer Garance? Sem dúvida, foram os seus maiores desempenhos na tela.

Em 1947 Carné rodava «La Fleur de L'Age», com Arletty, mas as filmagens foram interrompidas e a película jamais será terminada; uma vez que é um filme de criança e as crianças tôdas cresceram.

Arletty aprecia Vivian Leigh, vive às turras com seu colega Michel Simon. Diz apreciar o cinema japonês, e elogia «Rashomon» e seu erotismo luminoso, bem diferente do erotismo grosseiro italiano, ou o pesado, cerebral, dos filmes alemães.

Arletty não lê jornais pois não suporta sensacionalismo e não permite as comparações na crítica. Vive quase só e nunca foi casada.

A figura da «estrêla» lembra aristocracia, e possui uma nuca e ombros merecedores de rasgados elogios. Suas mãos são trágicas e ternas. Assim é Arletty, Dominique, Garance ou simplesmente Léonie Bathiat.

Ao lado de Jean Louis Barrault, no excepcional «Boulevard do Crime», um dos «climaxes» da carreira.



Walt Disney

E AS SUAS ÚLTIMAS FANTASIAS

Walt Disney, um grande criador.

DE A. NYFFENEG, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

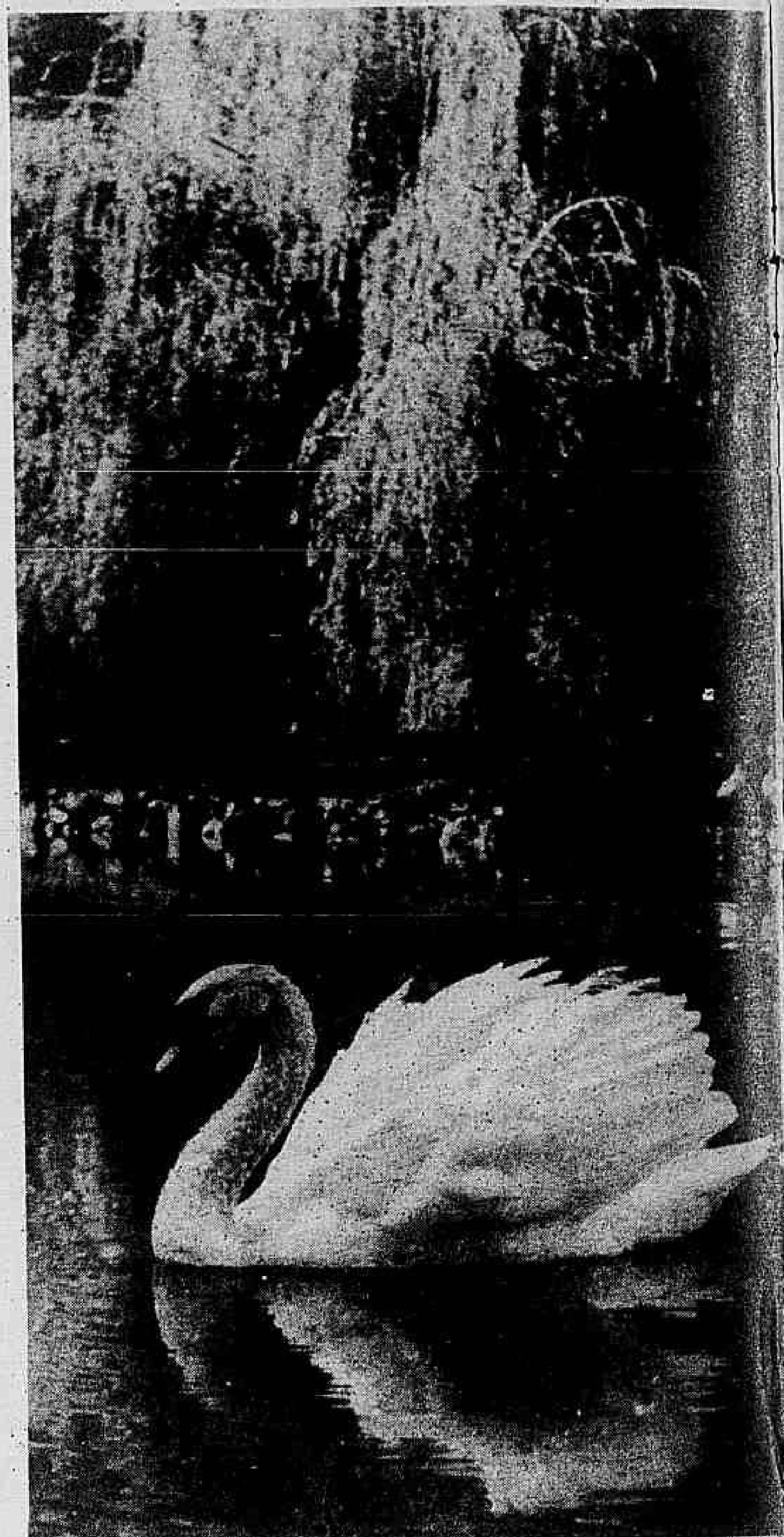
Há pessoas cuja personalidade e obra não podemos deixar de comentar, e entre elas, sem dúvida, se encontra Walt Disney. Um homem dotado de tanta imaginação, sensibilidade, capacidade de expressão e pòzinhos mágicos... Nunca poderíamos esquecer, dentre suas produções, "Fantasia", "Bambi", ou mesmo qualquer de seus belíssimos documentários.

Há pouco tivemos oportunidade de assistir a um filme que se encontra inédito no Rio: "Aves aquáticas", estreado, aliás, no Festival Internacional de São Paulo. Pertence à série Maravilhas da Natureza, é uma grande produção. A música está muito bem combinada com os movimentos dos pássaros, destacando-se neste particular o trecho da rapsódia de Liszt, no qual o andar ou nadar dos mesmos parece ensaiado para algum espetáculo. Através dessa curta metragem bem podemos avaliar quão fecunda é a natureza, quanto ainda dela desconhecemos em nossa Terra (o que dizer então do que está fora dela?) Sente-se a infinidade de emoções que pode nos proporcionar o cenário: A Natureza; quantas coreografias poderão ser inspiradas no vôo dos flamingos, no mergulho dos pelicanos, no salto das garças? Muitas cenas apresentadas se relacionam à preservação da espécie, sàbiamente garantida pela natureza mediante o encanto do namôro.

Pena é que tão raramente apareçam películas que, como a citada, sejam simultâneamente tão instrutivas e tão belas, inspiradas no que há de mais verdadeiro: a própria Natureza. Entre os inúmeros filmes de má qualidade que são impingidos ao público, o aparecimento de algo como "Aves Aquáticas" constitui verdadeiramente um bálsamo espiritual, um motivo de reconciliação com os produtores cinematográficos em geral.

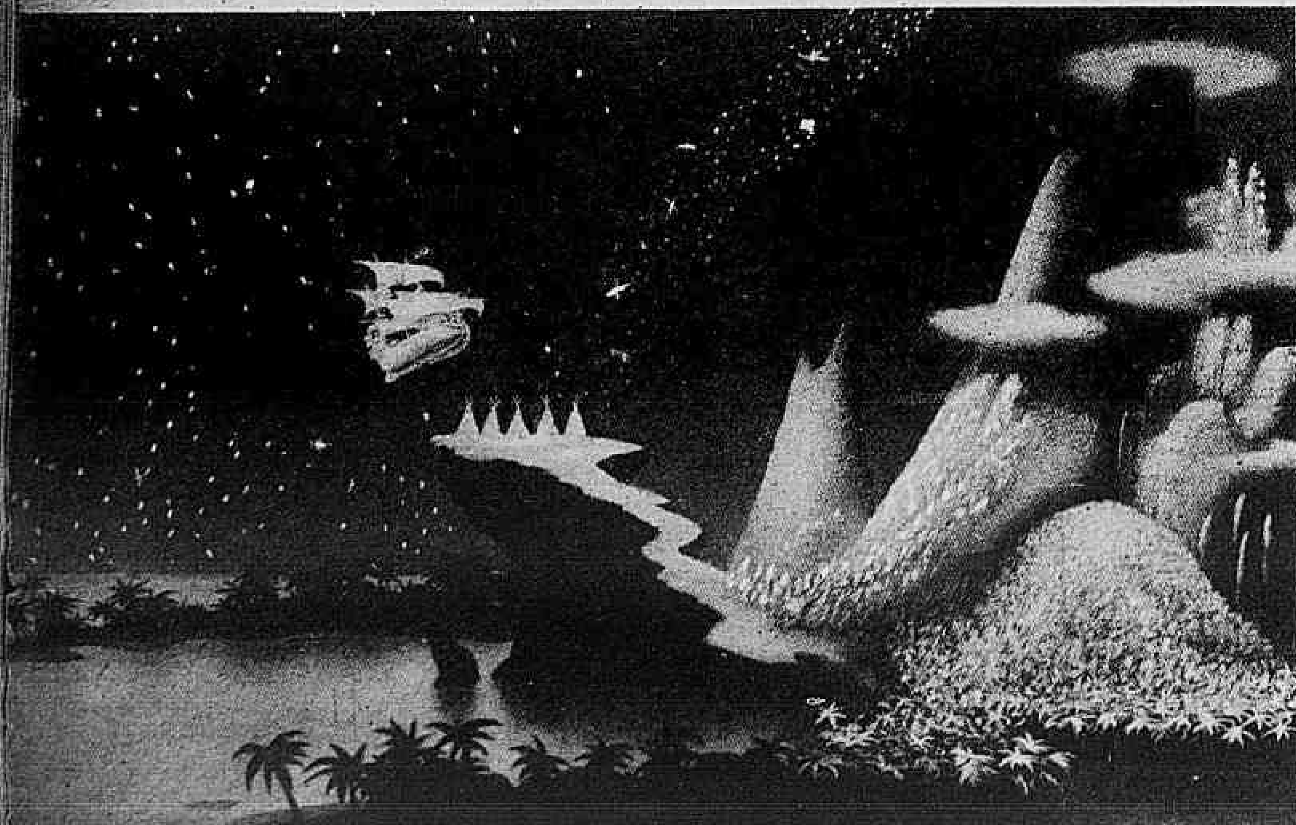
Esperamos que Walt Disney não pare, que continue a produzir filmes que se destaquem por suas qualidades estéticas, morais e instrutivas.

Porém o público, acostumado a tanta coisa bela por êle criada, não se exaltará da mesma maneira com "As aventuras de Peter Pan". Evidentemente o produto de um momento sem grande inspiração. Nesta produção de Walt Disney faltou mais carinho, mais meiguice, e houve abuso do grotesco. Esta crítica não se estende à cena dos índios cuja impressão é propòsitadamente exaltada por aquelas feições que parecem talhadas em madeira, e pelas proporções que as figuras assumem durante a dança — passagem esta das melhores concebidas, e profundamente emocionante. Porem a figura do pai de Wendy é demasiado grotesca; nunca um inglês procederia da forma representada. Entretanto, sempre ficou um divertimento para o público infantil. Os transportes através do espaço têm mesmo inconfundível atração para o diferente mundo das crianças.



O movimento ondulante dos cisnes e o seu aproveitamento, nesta obra-prima que é «Aves aquáticas», tem causado emoção por entre o público e a crítica.

Nada como a fantasia de desenhos cujas concepções pertencem a outro mundo e não respeitam tantas leis, inclusive a da gravidade. (Cena de «Peter Pan»).





Cena do último trabalho de Disney para a RKO. «Peter Pan» conduz a sua amiguinha, no espaço, para um dos seus esconderijos.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

"A CENA" está entrevistando o meio cinematográfico do país, a respeito dêste tão interessante concurso. Dentro de alguns números publicaremos uma série de opiniões pessoais. Vultos de destaque, dos mais diferentes misteres, já foram ouvidos a fim de transmitirem as suas gratas lembranças em tôrno do cinema do passado e do presente. Desta maneira, o concurso adquirirá uma outra finalidade, de grande valor como observação das duas épocas da sétima arte. A próxima primeira apuração do concurso será, precisamente, no dia 31 do corrente mês de maio. Assim, com a publicação, em junho próximo, dos resultados obtidos por entre os leitores bem como os votos do meio cinematográfico do país, o interêsse, que já é muito grande, certamente aumentará. Conforme temos tido ocasião de declarar, os votos para o concurso de "reprises" serão recebidos até o término da publicação da série "Os melhores filmes de todos os tempos". Consultando as resenhas semanais (páginas 6, 7, 8 e 9) os leitores são avivados pelas recordações de inúmeras obras-primas, completando-se, assim, a finalidade, de tanto alcance, do presente concurso. Relativamente à primeira "enquête" que "A CENA" lançou ("As cotações dos leitores"), informamos que o sorteio será realizado paralelamente à extração da Loteria Federal do dia 26 de junho. Os números de todos aquêles que responderam ao inquérito estão sendo publicados em "Cine Respostas" (página 30, da presente revista).

Marlene Dietrich quase irreconhecível em seu célebre «Anjo azul», uma das suas primeiras aparições.





«Pepe Le Moko» («O demônio da Algéria»), um dos máximos trabalhos de Julien Duvivier, com Jean Gabin. (Foto do Arquivo de Ademar Gonzaga).



«Alta traição», de Lubitsch, com um dos maiores atores expressionistas da história do cinema, Emil Jannings, tem sido recordado pelos leitores saudosistas.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1. ....

2. ....

3. ....

4. ....

5. ....

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

NOME (ou pseudônimo) ....

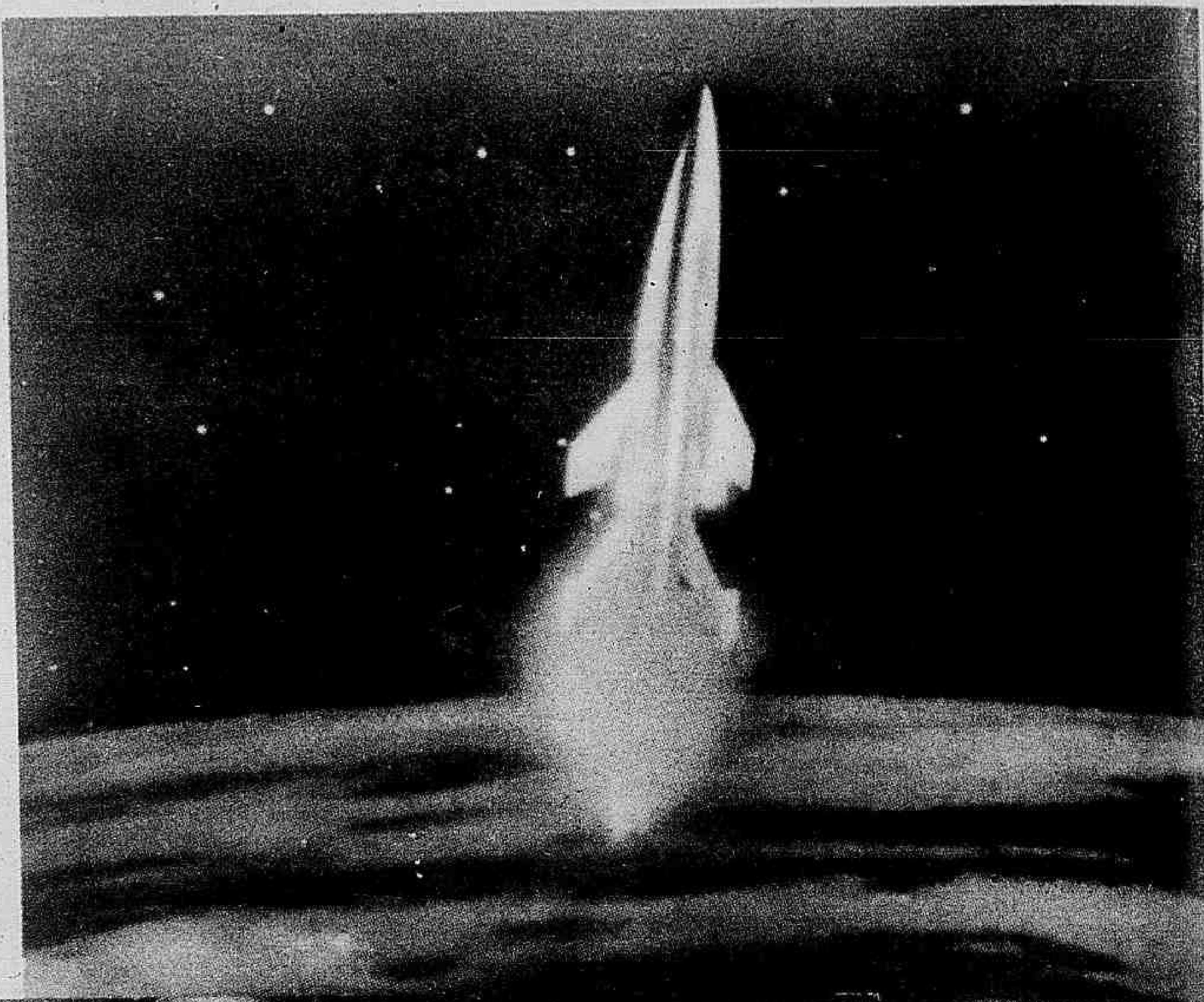
ENDERÊÇO....................................

CIDADE E ESTADO..........................

(Tôda a correspondência deverá ser endereçada a ROVLAND, Concurso de "Reprises").

O CINEMA CONQUISTA

(Os trechos que se seguem são adaptados da introdução de um livro em preparo do autor: «Uma estrada sôbre o mar».

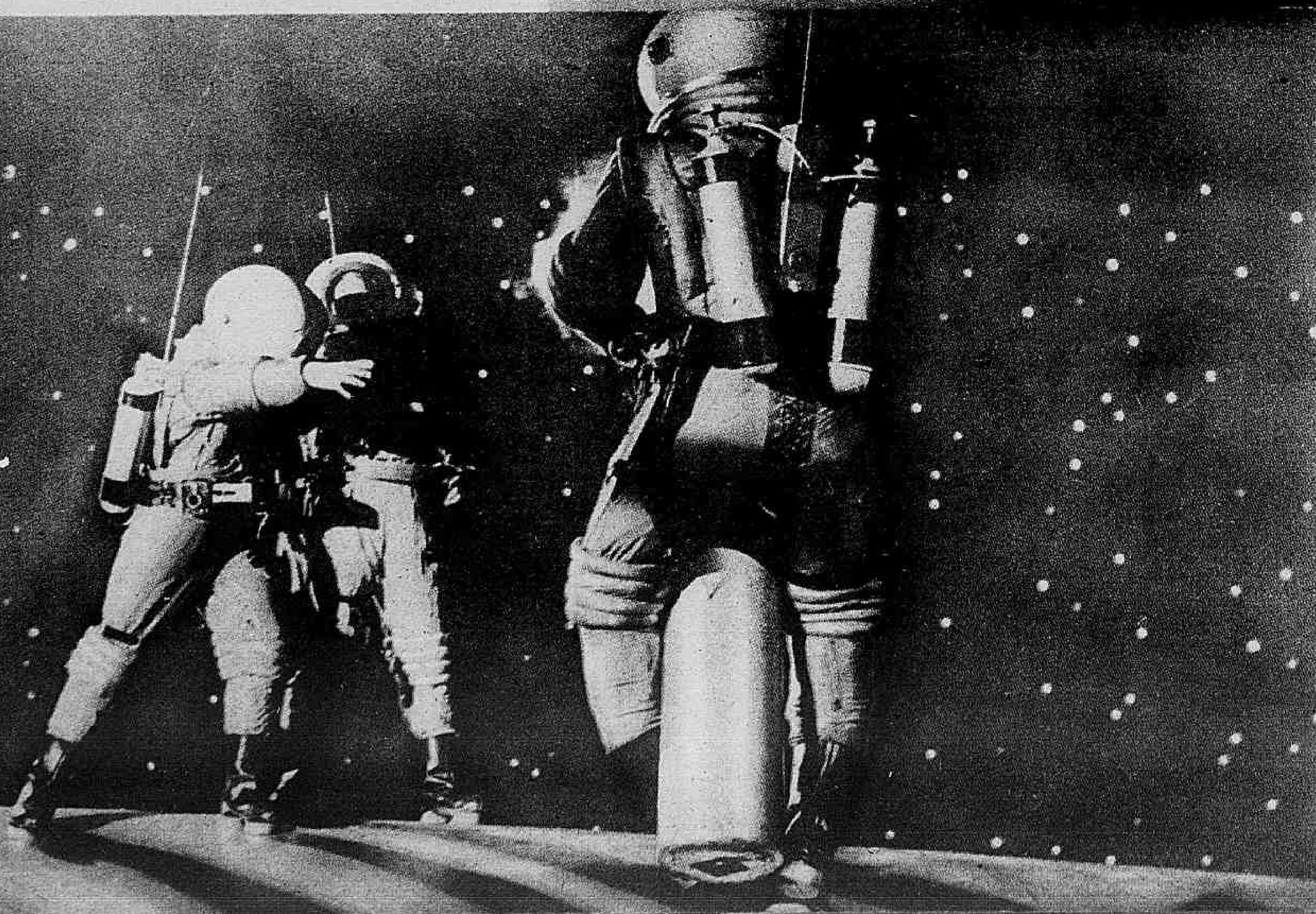


O ESPAÇO PERANTE O SENTIDO DE GRANDEZA

O espaço é o todo indefinível. Símbolo da criação, da divindade e do insondável do eterno. A fôrça que faz sentir a nossa humildade, perante o simbolismo do infinito. A expressão do sutil que irresistìvelmente atrai, encanta e se dissipa como névoa.

Traz, na sua grandeza, o influxo do pensamento e do etéreo. Permite a libertação dos vínculos terrenos, o frêmito dos sonhos a sutil busca do impenetrável. Faculta o sentido de luta íntima, a ânsia de melhoria. Recorda as vicissitudes da fragilidade humana. Sugere o

Acima: o foguete a jacto, interplanetário, busca a imensidade do espaço, o mistério até então insondável. Em baixo: flutuando no espaço, no mais espantoso dos vôos: Cena do filme da Paramount, «O fim do mundo».



O ESPAÇO

JONALD
e
L. BOLTSHALSER

poder da eterna vida. Convida à meditação, a um perene halo de bondade e ternura.

O ESPAÇO FRENTE À NOÇÃO DE OUTROS TEMPOS

Provas das mais antigas demonstram que o homem, através dos primórdios da humanidade, se interessou pelos mistérios do espaço. No sentido superior, os mais estranhos Deuses e cultos tiveram por origem o que de místico encerra. Em outros planos, em tôrno do firmamento, criou-se uma suposta ciência. Na mais remota antiguidade, procurava-se, por intermédio dos astros, desvendar os segredos do Destino humano.

Foram as noções que permitiram, mais adiante, a Hippaque, Ptolomeu, Tycho Brahé, Galileu, etc., a descortinarem uma verdadeira ciência, a astronomia. Embora o extraordinário índice de progresso obtido neste campo, o homem não conseguiu devassar,. entre tantos outros, o enigma da vida em outros planêtas.

O ESPAÇO E O CINEMA

Tôda a ansiedade desta incessante busca reflete-se, também, em imagens. Desde os primitivos tempos do invento dos irmãos Lumière que assim ocorre. São particularmente célebres a ingenuidade e também das figurações em tôrno do astral dos descortinadores de uma grande arte, há cêrca de 50 anos!

Ante a precariedade de recursos técnicos da primeira fase do cinema, os pioneiros de outrora temiam enfrentar o assunto sem incorrer nas penas do ridículo. Ainda assim, como frizante exemplo de audácia na época do silêncio na tela, houve um filme que pode ser considerado um impressionante marco no gênero.



Os primeiros homens que chegaram à lua instalam os seus aparelhos e armas explosivas, a fim de sondarem os mistérios de outro mundo (cena de «Destino à Lua», da Monogram).

O CINEMA CONQUISTA O ESPAÇO

OS MARCIANOS NA TERRA

Trata-se do celulóide alemão «Mulher na Lua», de Emitz Lang, com Willy Fritsch e Gerda Maurus a que tivemos oportunidade de conhecer, há pouco tempo, como obra retrospectiva. Entretanto, tão bem realizado foi, tanto na parte técnica — particularmente no tocante à época — quanto no campo interior que ainda possui a sua atualidade.

CONCLUSÕES PSICOLÓGICAS

Antes de passar à segunda parte dêste trabalho — que prosseguirá com as observações de L. Boltshalser em volta de um dos mais recentes «ciclos» da tela, o do espaço — já é possível chegar a algumas conclusões.

Tôdas as divagações do homem no campo do espaço e do firmamento têm, por origem um determinismo. Não importa que seja focalizada a antiguidade científica, as divagações dos primeiros tempos do cinema ou as variadas incursões dos últimos tempos. O objetivo, consciente ou sub-consciente, tem sido freqüentemente o de figurar um crescimento material ou interior.

São diferentes caminhos cruzando-se para um mesmo fim. Porém, no cinema, alguns dêsses filmes têm deixado uma réstea de sugestão espiritual. Carece de importância que a finalidade seja esta ou aquela crença. Despontam filmes que têm figurado apenas a conquista de regiões materiais. Porém, outros têm surgido com grandes mensagens para elevados planos.

Em ambos, as figurações têm sido as mais estranhas possíveis. Basta sugerir



Através da magnífica e, relativamente aceitável concepção do grande H.G. Wells, o filme da Paramount, «A guerra dos mundos», apresentou os tétricos marcianos e foi um ótimo filme, com a maior contribuição do cinema ao «ciclo».

Em «Voando para Marte», os marcianos ostentavam verdadeiras fantasias e falavam perfeitamente o nosso idioma. Caiu no ridículo esta contribuição da Monogram.



Outra passagem de «Voando para Marte» em que se vêem as imponentes couraças de quatro marcianos atemorizando dois sêres humanos que os foram visitar...



na esfera íntima, o outro mundo daquele sonho da obra prima de Sam Wood «Our Town» («Nossa cidade») ou a linda fantasia (?) de «Stairway te Heaven» («Neste mundo e no outro»).

Enfim, sugestões que a todos aguardam: uma outra vida. Tanto pode expressar o rumo da penumbra quanto o imperecível trânsito do belo. Sentido tanto como um divagar de densas sombras quanto o holocausto ao sublime. Independentemente da sensibilidade ou crença de cada um, é a comunhão para o soerguimento que permanentemente se renova.

No infinito da divindade ou do materialismo dos mundos é o imperecível da vibração de fôrças superiores que domina. E' a razão de ser da vida terrena que procura despertar em diferentes e fugazes buscas do etéreo, da espiritualidade ou da sublimação: o âmago para a conquista do próprio espírito.

NA TELA: O «CICLO» DA CONQUISTA DO ESPAÇO

Por L. BOLTSHALSER

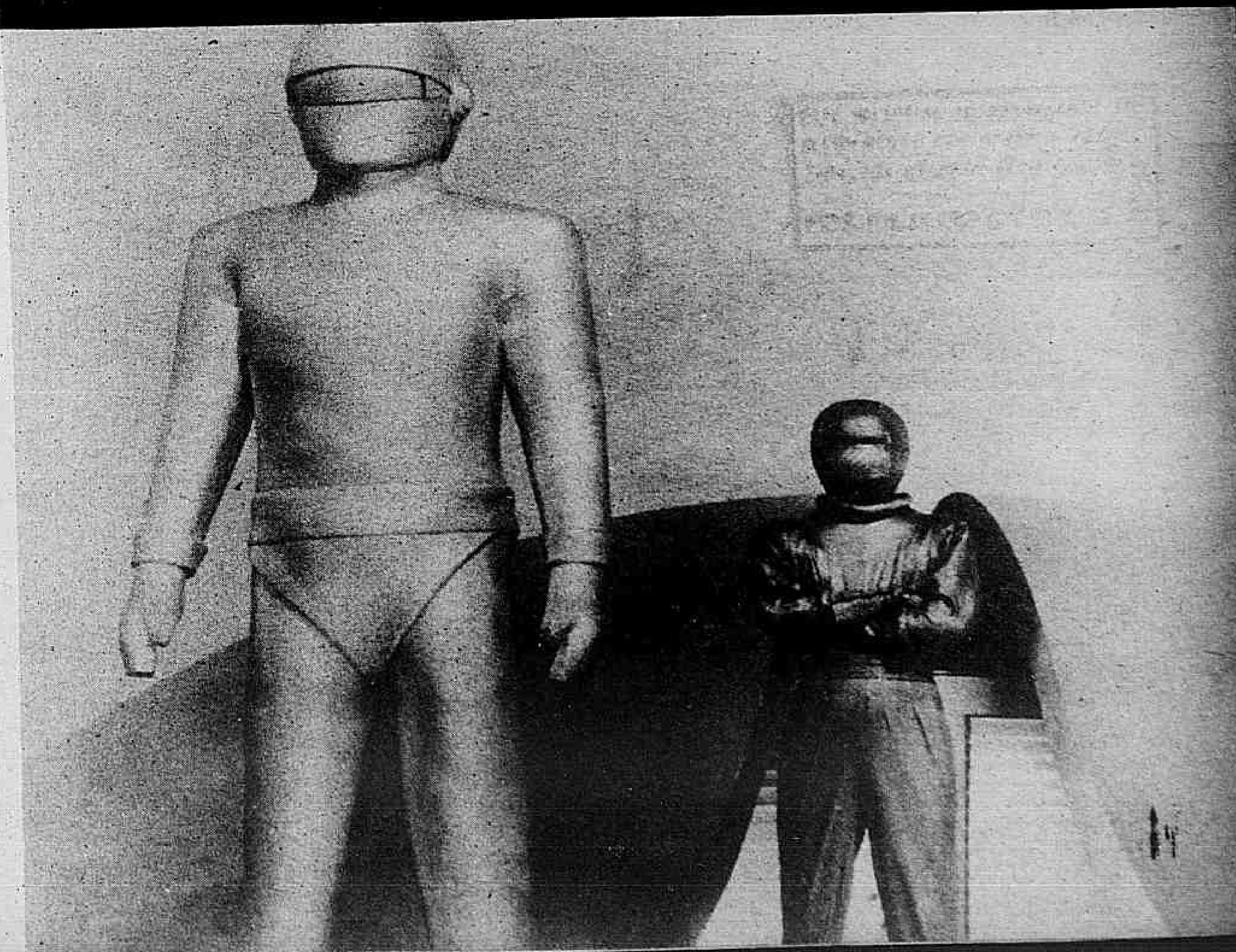
Em uma época como a nossa, de desequilíbrio e insegurança, para todos os aspectos da vida material ou interior, a conquista do espaço se vem tornando uma obcessão no mundo e na própria tela. A origem, que parte da profundeza da criação, vem sendo explorada pela literatura, sub-literatura, nas «manchetes» dos jornais e revistas e, inclusive, agora, na própria «A CENA». Assim sendo, nada mais natural do que vir a ocupar um importante pôsto na cinematografia.

Em geral, com fundo científico muito vago, o espectador jamais sabe onde termina a ciência ou a impenetrabilidade e começa a fantasia. Os cartazes atraem o público universal e sempre prometem o encantamento de um espetáculo cheio de emoções, paisagens insólitas, sêres monstruosos, etc. Tudo isso fica, geralmente, na promessa. O

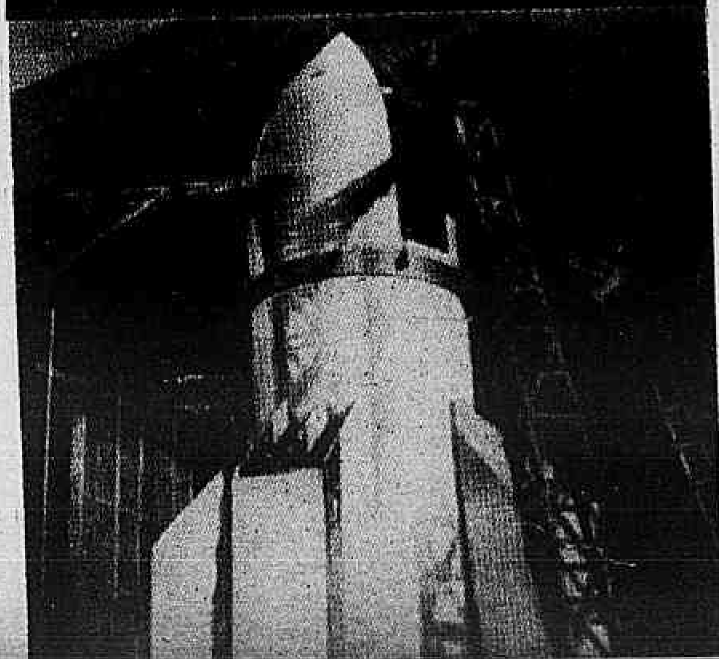


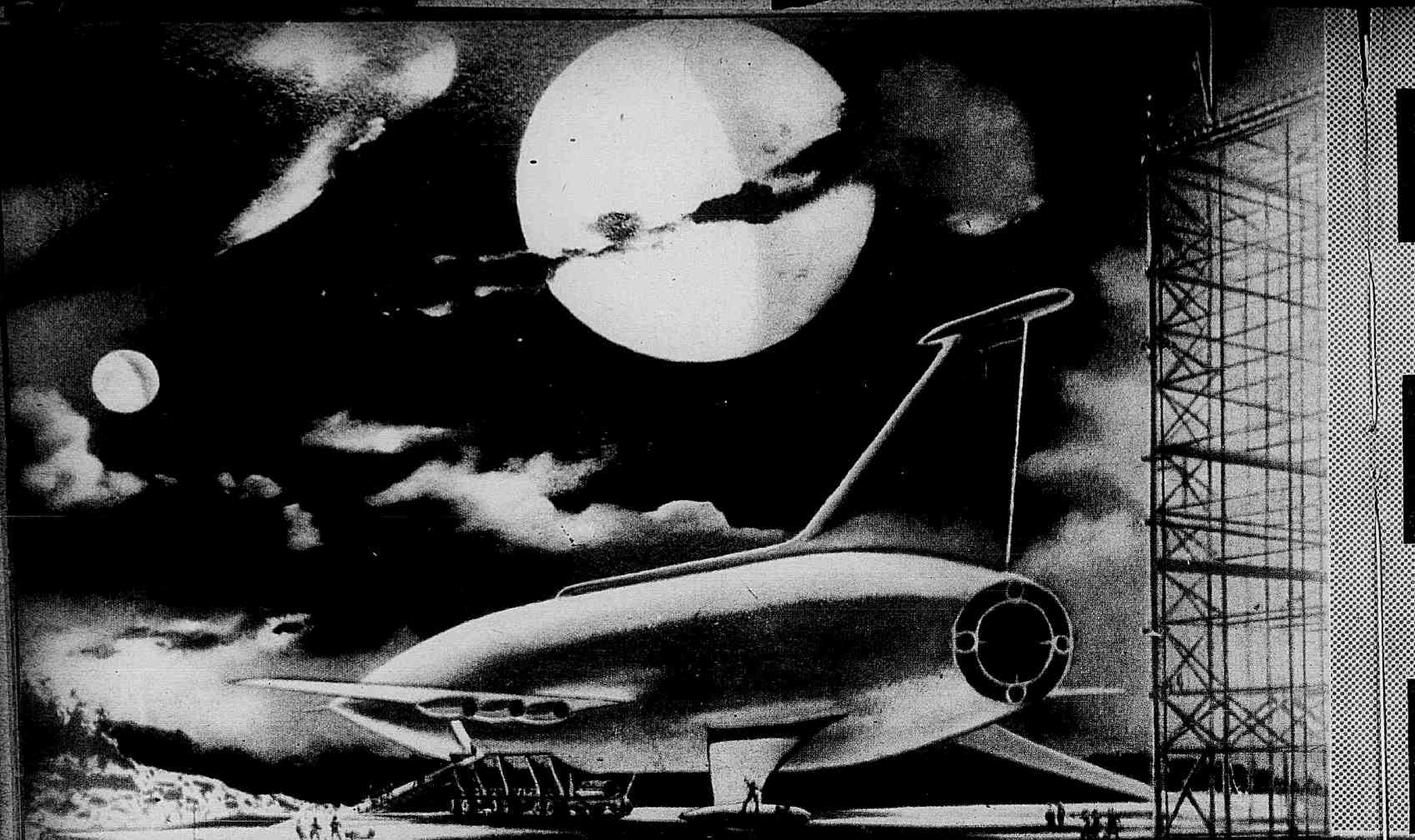
Encerrado em esfera de vidro e apresentando horrendo aspecto, um marciano veia à Terra em «O homem do planêta X», envolto das melhores intenções possíveis. O filme mostrou um corajoso libelo contra a involução que paira neste mundo. Apesar dos seus anceios de paz, o marciano foi vítima da maldade e da ambição terrena. Embora sem destacada categoria artística, foi um filme que manteve o interêsse. Contribuição da United ao «ciclo».

Também em «O Dia em que a Terra parou» surgiu neste planêta um marciano de superior inteligência, que aqui veio em missão de paz e também passou a ser molestado pelos homens, na sua incompreensão quase habitual para o estranho. Conforme se poderá verificar pela foto acima, apareciam de forte couraça. O meio de transporte foi um disco voador. No final, deixou a terra certo de que a ignorância aqui era um fato. Contribuição da Fox ao «ciclo».



Uma importante fotografia histórica: o filme silencioso «Mulher na Lua» (1929), de Fritz Lang, com Willy Fritsch e Gerda Maurus.

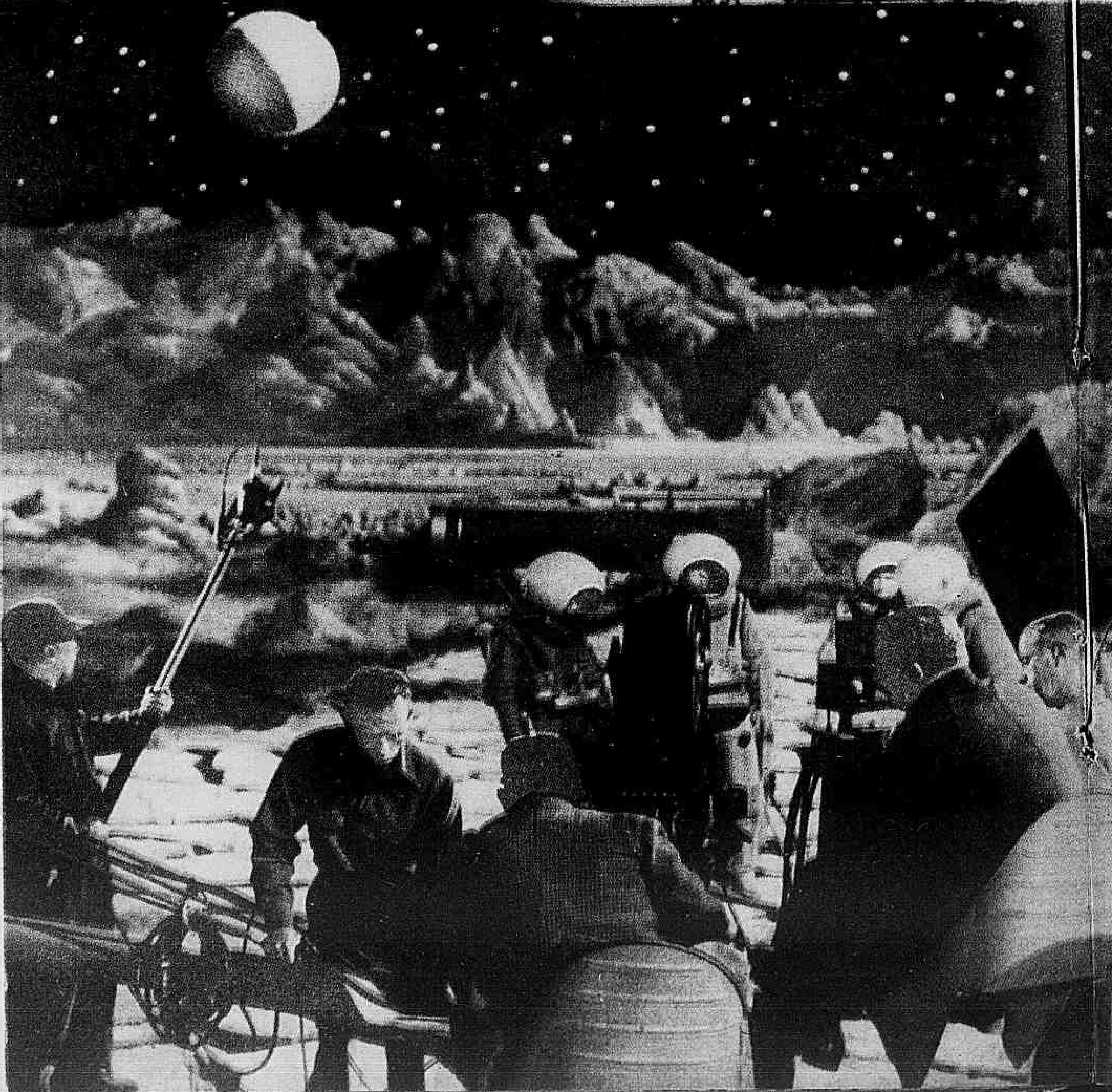




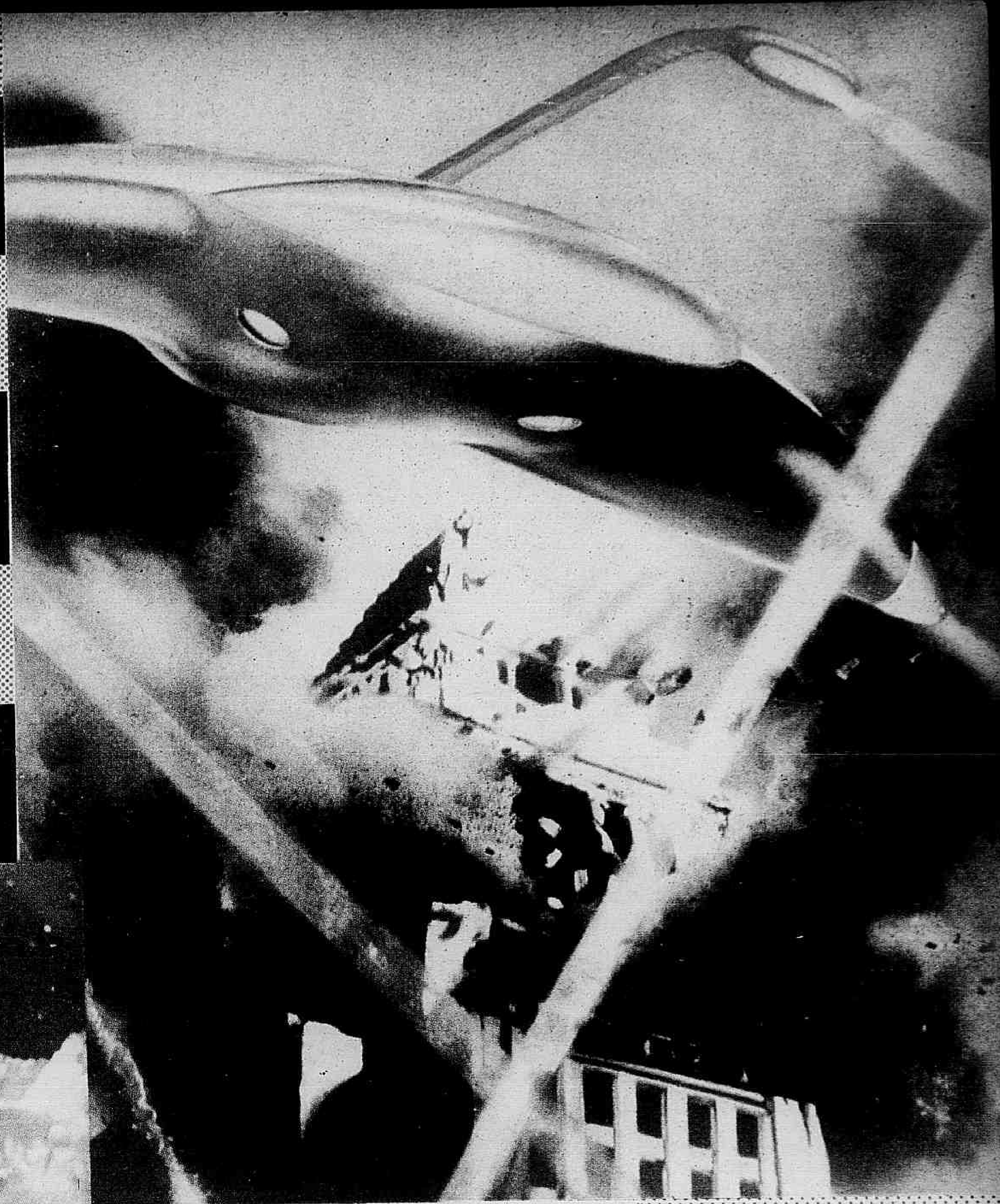
O CINEMA CONQUISTA O ESPAÇO

«suspense» está todo construído em tôrno da aparição do ser do outro planêta. E os idealizadores não têm tido o bom senso de mostrá-los de relance, ou dissimulados na semi-obscuridade. Revelam inteiramente monstros mecânicos, criados por uma técnica engenhosa, sem dúvida, mas que não convencem, ou vegetais colossais, que se locomovem grotescamente, arrancando gritos terríveis da heroína, mas provocando pouca emoção entre a platéia.

Entre os filmes que recomeçaram, no cinema falado, a série de viagens pelo espaço figura «Da terra à lua». Entretanto, essa não foi a primeira vez que as imagens faladas levantaram vôo rumo ao desconhecido. Em 1936, num filme de profecia de H.G. Wells, «Daqui a cem anos», viu-se pela primeira vez na tela um foguete que partia com destino à lua, levando em seu bôjo um jovem casal de exploradores. Mas a câmara não

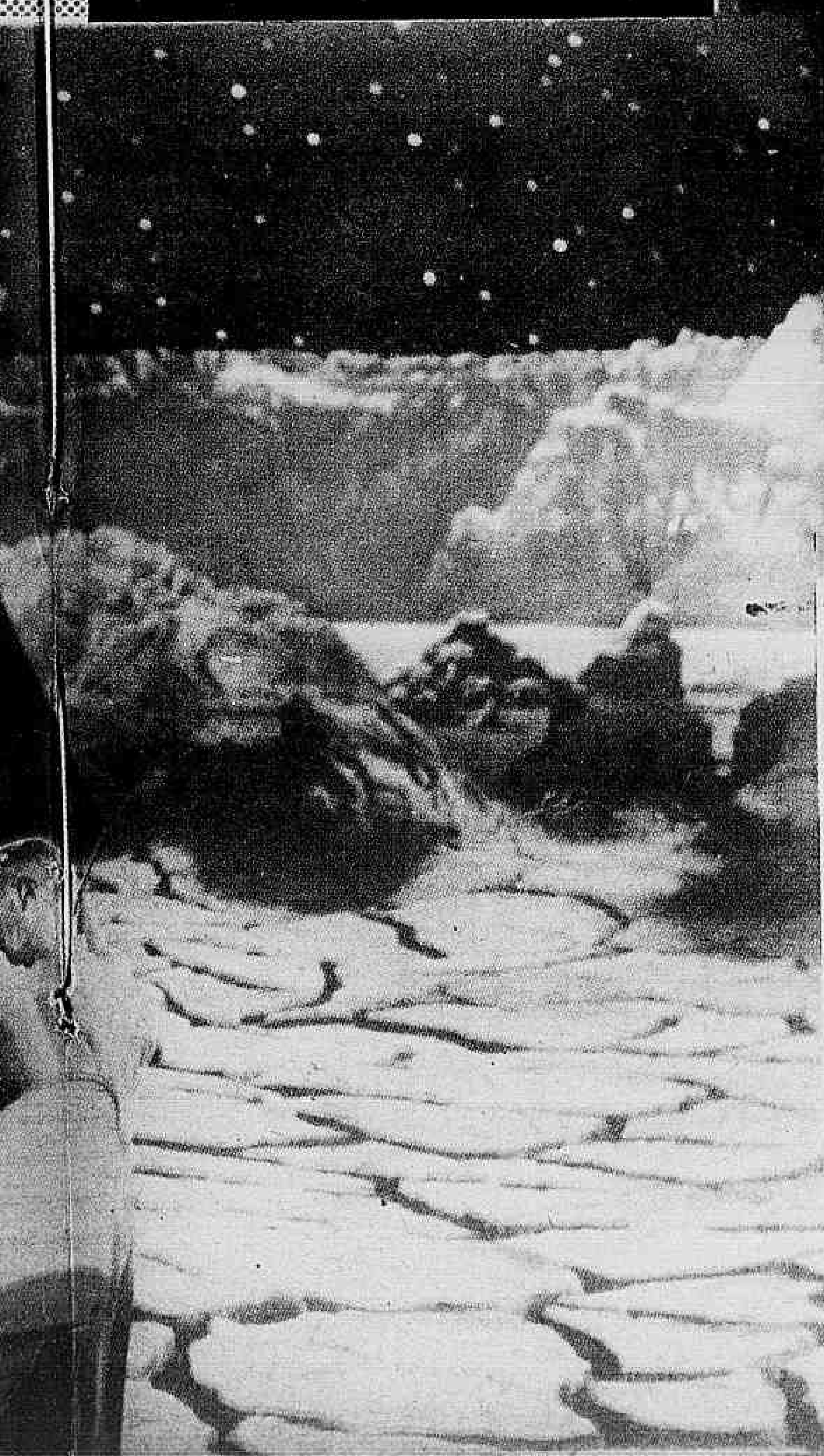


À esquerda: Uma nave gigantesca, inter-planetária, destinada a conduzir os habitantes da terra a outros mundos, ante a eminente destruição da terra. Enfim, uma moderna concepção da arca de Noé. («O fim do mundo», filme da Paramount).



À direita: As poderosas máquinas inter-planetárias de Marte chegam à Terra e a tudo destroem, inatacáveis por tôdas as armas e bombas atômicas. Entretanto, foram vencidas pelas microscópicas bactérias terrenas. (Cena de «A guerra dos Mundos», da Paramount).

Em baixo: Os habitantes da terra na lua. Os pioneiros da primeira viagem inter-planetária, ante o fantástico do encontro de um outro mundo. O poder do cinema antecipa e sugere futuras emoções. (Cena de «Destino à Lua», da Monogram).



os seguia nessa viagem. O foguete distanciava-se na noite estrelada, deixando-nos uma interrogação.

A guerra interrompeu essas divagações cinematográficas. Em 1950, «Da terra à lua» retomou a viagem do ponto em que o velho filme de Wells a interrompia. A película tinha bons momentos de «suspense», algumas bonitas vistas telescópicas, mas decaía ao mostrar os habitantes do planêta Marte. Êstes apresentavam tôdas as características dos sêres humanos, apesar de viverem num meio inteiramente diverso do nosso. Assemelhavam-se a trogloditas, vestidos de peles e armados de clava.

«Destino à lua», produzido por George Pal, não pretendeu exibir selenitas. As seqüências da acidentada viagem pelo espaço apresentava engenhosa trucagem, parte que tinha ficado sob a responsabilidade do produtor, conhecido até então por seus filmes de bonecos. Êsse aspecto foi um dos poucos interessantes mostrados na ingênua película. A seguir, Pal que ficou mesmo fascinado com as aventuras interplanetárias, produziu «O fim do mundo», pura fantasia, sem nenhum fundo científico. A história do filme assemelhava-se a de Super-Homem, narrada em sentido inverso. Enquanto o herói das historietas em quadrinhos era um trânsfugo de outro planêta, destruído num choque de corpos celestes, «O fim do mundo» mostrava a fuga de um gru-

(Cont. na pág. 34)

CURIOSIDADES E "CLOSE-UPS"

DE "GLAMOUR-GIRL" A "SEX-GIRL"

De SANIN, exclusivo para «A CENA»

Marlene Dietrich foi a «estrêla» que estabeleceu um contraste entre a sutilesa que possui para a sedução, com o «vampirismo» de outras fases da tela. Daí por diante tudo veio a recair na «sexy-girl».

Vivendo eminentemente da imagem, é natural que o cinema se socorra principalmente do que é belo aos olhos. Se ao belo junta-se um certo sensualismo, agrada ao grande público.

Os produtores precocemente descobriram isto e, distribuíram às duas dimensões na tela, belíssimas mulheres que, de acôrdo com as condições morais e sociais da época em que triunfaram, constituíram exemplos típicos dos padrões de beleza. De começo, fizeram escolas, mas raramente evoluíam. O objetivo era o tipo e, via de regra, após receberem as honras consagratórias desapareciam, «retiravam-se para a vida privada», como é bem dizer-se nessas circunstâncias.

Assim, dos olhos insinuantes, orlados por enigmáticas olheiras, da Teda Bara através das banhistas de Mack Sennet, via o romantismo de Mary Pickford, e alto valor dramático de Lilian Gish, nasceu a «pin-up», moça atlética cujo sorriso vende dentifrício ou cujo corpo vende «maillot» de lastex. O requinte, os ares perfumados, os sorrisos velados, os olhos espionantes cedem lugar à saúde, aos esportes aquáticos de Esther Williams, às danças de Cyd Charisse, às exibições de pernas longas e regulares, mostradas com arrôjo nos musicais. Pernas sem o talento das de Marlene mas que, em todo caso, eram provàvelmente mais sadias. E' que a mulher, integrada na sociedade dos «homens», fazendo-lhe concorrência, viu-se no direito (e por que não?) de viver uma vida mais saudável, mais compatível com a época.

Mas adveio a guerra e, antes dela, o triunfo das concepções freudianas. Falar-se de gente sem preconceitos era falar-se de gente que se referia a «Sexo», assim como quem fala de futebol, enfim, uma conversa frequente e obrigatória. Os publicistas, gente de ôlho vivo e ouvido atento, advertidos, lançaram a «sexy-girl», hoje em pleno apogeu. Mas o mundo não pára, nem tampouco a produção de filmes. Muita gente anda curiosa para saber qual será a «girl» que sucederá a «pin-up». Neste grupo estão incluídas tôdas as bombásticas e infundadas revelações físicas, do padrão de Marylin e companhias ilimitadas. Pelo jeito, não poderá demorar muito.

Cyd Charisse, «pin-up girls».

-Que beleza! DIRÃO TODOS QUANDO VIREM

NOS 3 CINES METRO





1924-1954 UM FILME DO FESTIVAL M·G·M

VEJA ÊSTE FILME NA TELA PANORÂMICA



CINEMA BRASILEIRO: NOVELA DAS IMAGENS

NA SENDA DO CRIME

«NA SENDA DO CRIME»

ELENCO

Miro Cerni	Sérgio
Cleyde Yaconis	Jurema
Silvia Fernanda	Margot
Josef Guerreiro	José
Nelson Camargo	André
Salvador Daki	Osvaldo

FICHA TÉCNICA

Direção — Flaminio Bollini Cerri; Assistente — Galileu Garcia; Produção — Pio Piccinini — Câmara — Henry C. Fowle — Corte — Edith Haffenrichter — Música — Henrique Simonetti. Filmado nos estúdios da Cia. Cinematográfica Vera Cruz.

Sérgio era seguramente um rapaz com vocação para milionário. Acostumado ao ambiente rico e luxuoso de alguns parentes próximos, não se conformava em lutar honestamente pela fortuna. Ansiava uma oportunidade que lhe tornasse rico de um momento para outro. O salário que percebia pelo seu trabalho no banco não era suficiente para manter o padrão de vida que êle desejava.

O banco certa vez fôra assaltado por um bando de gatunos. Sérgio os viu e poderia identificá-los o que facilitaria, por certo, à polícia, o seu trabalho de aprisionamento dos gatunos. Em vez disso, Sérgio põe-se em contato com êles. Conhece então José, André e Osvaldo e associa-se a êles planejando um assalto a uma das casas mais elegantes de São Paulo. Sérgio conhece entretanto Jurema, a irmã de um dos assaltantes, nascendo entre êles um namôro. O assalto é feito com sucesso para o bando. O objetivo era roubar apenas dinheiro, não se deveria tocar em jóias pois isto facilitaria a captura dos ladrões pela polícia quando êstes tentassem vendê-las. Um dos assaltantes não resiste à tentação de apossar-se de um colar. Sérgio apodera-se do mesmo e faz dêle presente a Margot, vedeta de teatro, cujo amor êle disputa com o milionário Siqueira. O dinheiro é depositado em nome de Jurema, em um banco. Isto foi feito por sugestão de Sérgio que assim poderia manipular com êle à sua vontade e sem maiores impecilhos. Seus companheiros

de assalto aos poucos, revoltam-se contra sua prepotência e boicotam todos seus planos. Ao mesmo tempo, Jurema entra em conhecimento da vida de Sérgio através de diversos fatos. Fica sabendo que êle é sobrinho do diretor do banco onde está depositado o dinheiro e também que êle pertence à uma família ilustre de São Paulo. A polícia por sua vez, através de uma fotografia de Margot, identifica a jóia roubada e põe-se ao encalço de Sérgio, encurralando-o em um edifício. Tentando refugiar-se, êste sobe ao último pavimento sempre perseguido pela polícia. Do último andar, esconde-se no terraço, Sérgio não tem mais por onde fugir. A morte viria encontrá-lo neste angustioso momento.



No camarim do teatro, Sérgio e Margot conversam.

Margot, pela sua beleza tornou-se uma mulher cobiçada.



NOVELA DAS IMAGENS

ELENCO

Gianna	Eleonora Rossi Drago
Annamaria	Antonella Lualdi
Renata	Lia Amanda
Sra. Paula	Isa Pola
Prof. Aragona	Gino Cervi
Walter	Frank Latimore



FICHA TÉCNICA

Direção — Augusto Genina; Argumento — Vitaliano Brancati e Augusto Genina; Fotografia — G.R. Aldo; Música — Antônio Varetti — Distribuição — Art-Filmes.

TRÊS HISTÓRIAS PROIBIDAS

Entre os feridos de um trágico desastre estão Renata, Annamaria e Gianna, que são hospitalizadas na mesma enfermaria e em três leitos vizinhos. São três garôtas que achavam-se no local da catástrofe por motivos diferentes, três heroinas de dramas diversos e resultantes do mesmo fato da crônica. Renata, começou a viver o seu emocionante drama há onze anos, quando um amigo de seu pai, empregado em uma cidade da provincia, abusou de sua ingenuidade. Escorraçada, humilhada pela frieza suspeita de suas amigas da mesma idade e hostilizada pela indiferença da própria família, ela cai e mergulha num caudal de complexos de inferioridade que lhe amarguram a vida no seu ambiente. Procura um derivativo e encontra-o no estudo. Tratando os seus deveres escolares com verdadeiro devotamento ela ganha uma bôlsa de estudos com a qual parte para a Universidade, em Roma. Surge em sua vida um jovem engenheiro que se chama Conobbe Mário. Êste rapaz, enamora-se dela, mas os complexos adquiridos não permitem à jovem ter confiança no futuro, razões bastante para interromper o idílio. Terminado o seu curso, Renata volta à sua família, encontrando-a por sua vez, esfacelada. Sua mãe, durante a sua ausência, havia abandonado o marido para acompanhar um rico industrial. Era mais uma experiência que lhe trazia duas realidades a enfrentar. De um lado, a vergonha de sua leviandade e de outro lado a situação irregular de sua mãe e, somando-se a tudo isso, a incompreensão, a determinação de humilhar a jovem a cada instante, pois sua mãe não cessa de aludir ao passado. Diante disso e também da insistência do industrial, Renata resolve voltar a Roma e enfrentar a vida sózinha preconizando uma vida independente.

A vizinha do leito de Renata, é Annamaria, órfã de pai aos dezesseis anos de idade quando as necessidades obrigaram-na a ganhar a vida. Trabalha como dactilógrafa de um tabelião. Um dia, copian-



Gianna, Annamaria e Renata, após o aci-
dente, foram internadas na mesma enfermaria

do um testamento, conhece o herdeiro interessado, Tommaso Turrella, um riquíssimo rapaz. Êste, depois de algum tempo de namôro lhe propõe casamento e, não obstante a desaprovação de sua mãe, ela vem a casar com o rapaz, pensando ter o futuro garantido e abandonar para sempre o dever de enfrentar diàriamente, as dificuldades do trânsito e a queima do fosfato diante da máquina de escrever. Mas, a realidade era bem outra, a verdade muito dolorosa. Ela bem depressa descobre que o marido é um deficiente, maníaco rádio amador e incapaz de levar a vida a sério. Diante do desastre desta aventura conjugal, Annamaria, para salvar-se, pede ao marido um filho, mas o irresponsável marido não quer atendê-la; enfim, não era mais possível a vida em companhia daquele homem. A jovem resolve abandoná-lo e voltar ao trabalho, tentando assim, refazer uma vida, quase morta em flor.



Renata em companhia da mãe e do rico industrial — conflito de volumes.

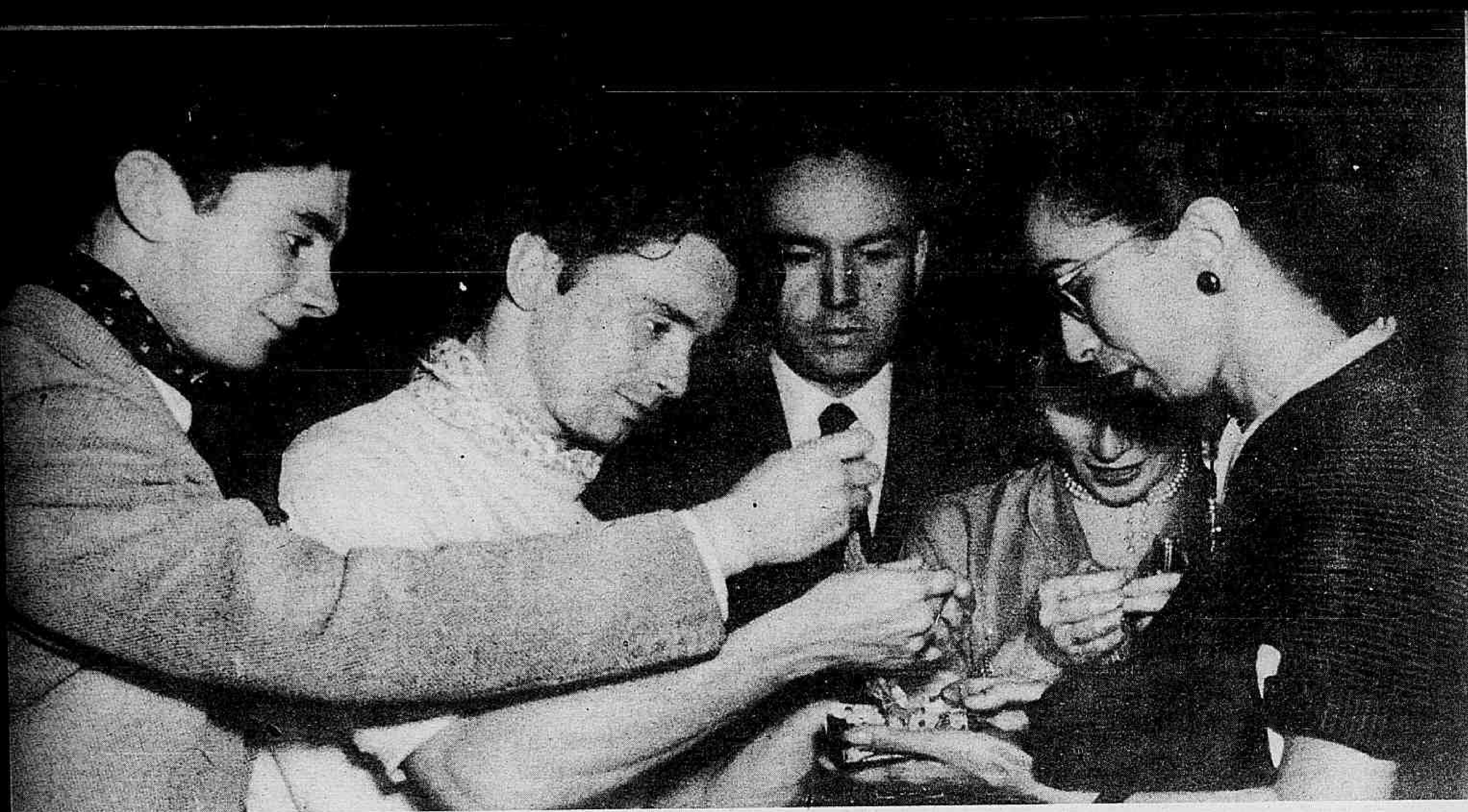


Gianna é a terceira jovem ferida. Filha de um notável cientista, Aragona, professor da Universidade, não sabe ser feliz nas condições excepcionais e favoráveis que o destino lhe reservou. Bela, fina, rica, noiva do sr. Donati, igualmente professor e substituto de seu pai na cátedra, ela tem uma fraqueza por Valter, um desclassificado, vagabundo, e cheio de vícios, que entretanto, lhe fornece a droga maldita, vício ao qual Gianna é agora uma submissa. Um dia, seu pai descobre êsse segrêdo e interna-a num hospital da montanha e consegue curá-la; parecia que nem um vesttigio do vício restava. A própria Gianna se acreditava curada e marcou a data do casamento com Donati. Mas a sêde da droga maldita começa a atormentá-la, ela resiste nos primeiros tempos a essa tentação e também, à vontade de rever Valter, mas nas vizinhanças do dia das núpcias ela cede ao reclamo do vício e passa a noite no apartamento do debochado Valter. Pela manhã, ainda aturdida pelos efeitos da droga ela sai do apartamento situado no edifício onde a catástrofe vem surpreendê-la. E' levada para o hospital onde está agora junto com as jovens encontradas no palco do pavoroso evento.

Enquanto as outras jovens feridas apresentam um quadro clínico animador, o estado de Gianna é desesperador. Não obstante uma intervenção cirúrgica, transfusões de sangue, ela vem a falecer.

A vida reflorirá para Renata que volta a reunir-se com Mário, pois está refeita e curada dos complexos, enquanto Annamaria resolve voltar para o seu marido Tommaso, mesmo como êle é, e disposta a mudar a sua conduta dispondo de uma enérgica e sempre continuada conquista.

Gianna e Valter — conflito de sentimentos. (Fotos enviadas diretimente de Roma, pela Unitalia).



Da esquerda para a direita: JORGE GOLOVINE, SERGE GOLOVINE, JONALD, SOLANGE GOLOVINE E VERA HELENA, APRECIAM AS «BIJOUTERIAS» TRAZIDAS DO CAIRO.

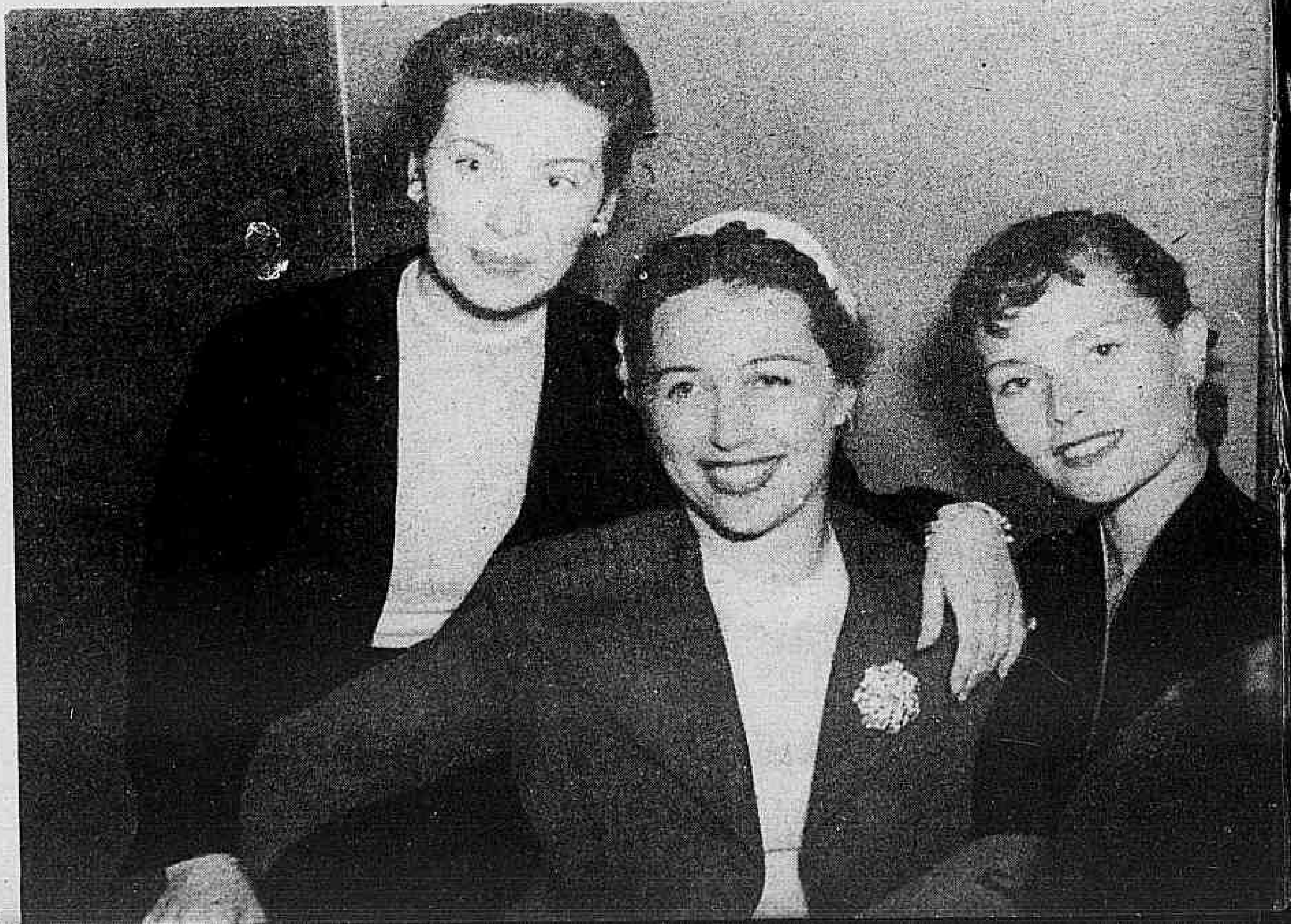
A BORDO, COM O "BALLET" DE CUEVAS
SERGE GOLOVINE, EM IMPORTANTES DECLARAÇÕES

NO PRÓXIMO NÚMERO: ENTREVISTA EXCLUSIVA COM BEATRIZ CONSUELO

DE JONALD E A. DETCHER
EXCLUSIVO PARA "A CENA"



Os primeiros acenos dos elementos do «Ballet» de Cuevas, para o grande público que o foi ovacionar no cais, na passagem para Buenos Aires.



Madeleine Rosay ladeada por Beatriz Consuelo e Jean Quick, por ocasião da presente reportagem.

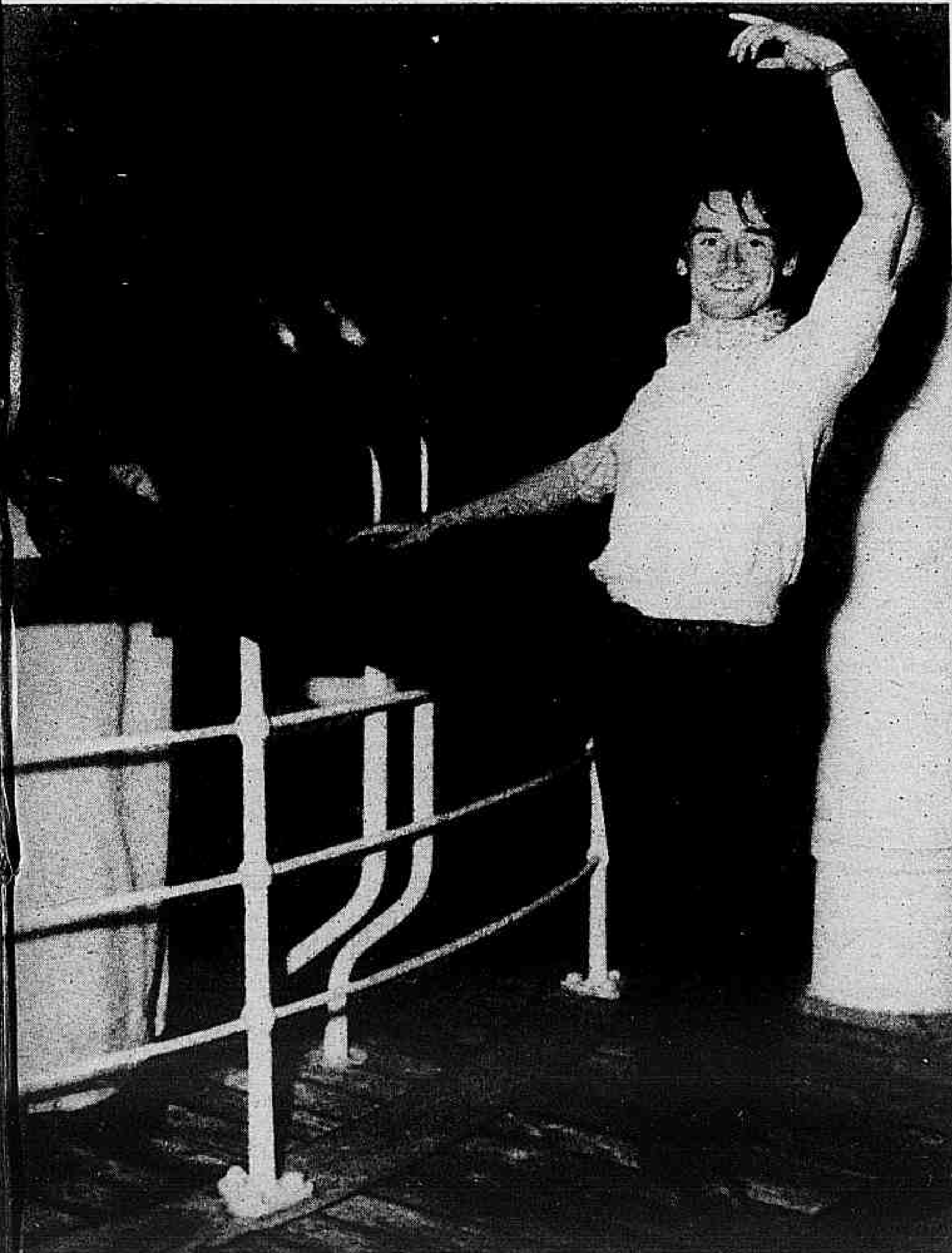
O "Grand Ballet du Marquis de Cuevas", um dos mais famosos conjuntos de dança do mundo, transitou pelo Rio a bordo do "Charles Tellier" na sexta-feira passada, rumo a Buenos Aires. Nessa cidade deve ter estreado no dia 20 (com "Les Sylphides", "A Sonâmbula", "Cisne Negro" e "Prisioneiro do Cáucaso") no Cine-Teatro Ópera. Das primeiras figuras da companhia Rosella Hightower, George Skibine, Marjorie Tallchief, Serge Golovine, Jacqueline Moreau, Wladimir Skouratoff, Denise Bourgeois e Anna Ricarda — só Golovine viajou de navio. Os outros chegaram a Buenos Aires por via aérea. Jocelyn Vollmar, George Zoritch e Dolores Starr, que o nosso público teve o ensejo de ver na temporada que o "Ballet Cuevas" realizou no Municipal, com imenso sucesso, em 1952, desligaram-se da companhia desde então. Apenas Starr talvez retorne ao grupo dentro de poucos meses.

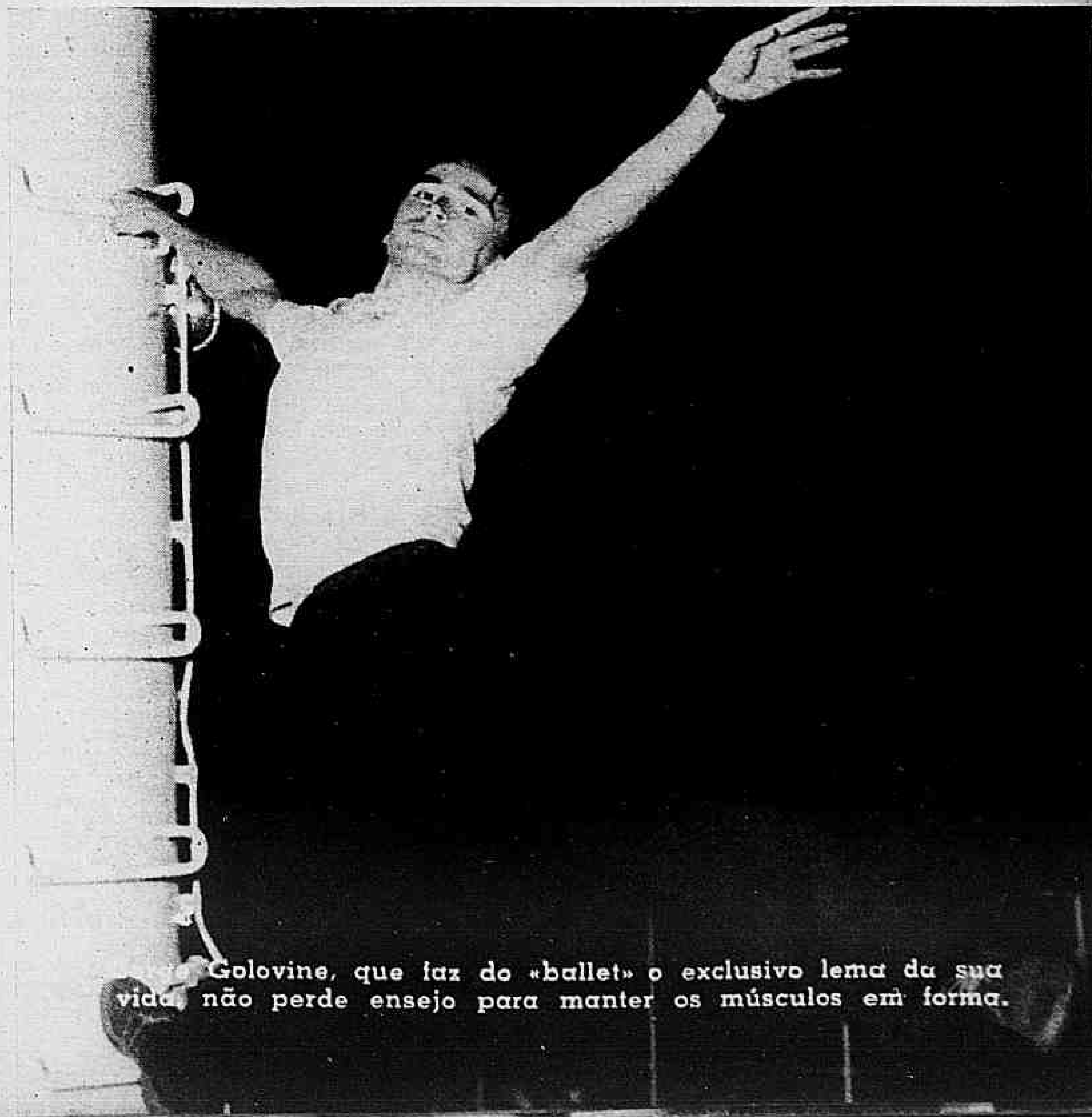
Festiva recepção teve o elenco que, em boa hora, o empresário Viggiani contratou para o Brasil e que deverá estrear na segunda quinzena do próximo mês de junho, no Teatro Municipal do Rio. Grande número de jornalistas, dos nossos principais periódicos, além de admiradores da arte do "ballet". A razão de tão esplêndida acolhida residiu no fato de uma das maiores expressões da dança clássica do país e das Américas, Beatriz Consuelo, integrar presentemente o famoso elenco do Marquês de Cuevas. Embora não seja uma das principais figuras, Beatriz primou pelo caminho certo. Vem adquirindo grande experiência internacional e, após êste indispensável estágio de aclimatação, mais dia menos dia logrará um dos principais postos neste ou em outro elenco. Aliás, já tem tido algumas excelentes oportunidades. As suas importantes declarações serão alvo de uma entrevista exclusiva que "A CENA" publicará no próximo número.

Há uma outra brasileira integrando o elenco de Cuevas, menos conhecida, porque, antes de deixar o Brasil, ainda não havia abraçado o profissionalismo. Trata-se de Jean Quick, filha de pais canadenses, que havia integrado o "Ballet da Juventude" e uma das temporadas do "Ballet Society". Corajosamente, Jean Quick foi à Europa por conta própria, para aperfeiçoar seus estudos de "ballet" em Paris e depois tentar ingressar numa companhia profissional. Foi o que Jean fêz, e foi assim que ela entrou no "Grand Ballet du Marquis de Cuevas", quando surgiu uma vaga. Ela hoje está satisfeitíssima, embora ainda esteja desempenhando papéis pequenos (a Princesa Bathilde em "Giselle", o Anjo Cinzento em "L'Ange Gris", etc.), tendo declarado a "A CENA" que de maneira alguma pretende deixar o grupo.

"A CENA" ouviu, demoradamente, o primeiro bailarino Serge Golovine. Através das suas declarações comprovamos o seguinte: vive exclusivamente para a arte. Basta dizer que, durante a atual viagem, foi o único elemento que conseguiu exercitar-se diàriamente, mesmo com tôdas as dificuldades de obter um apuro a bordo de um navio. Foi precisamente Golovine que trouxe para os leitores uma série de preciosos informes, obtidos também em exclusividade, os quais se seguem.

Está muito compenetrado com a árdua responsabilidade de interpretar, no corrente ano os dificílimos papéis principais de "O espectro da Rosa" e "Petrouchka", dois bailados (ambos de Michel Fokine) que o Vaslav Nijinsky imortalizou. Bronislava Nijinska, a irmã do genial bailarino falecido em 1950 e "**maitresse de ballet**" e diretora artística do Ballet Cuevas, foi quem remontou especialmente para Golovine êsses dois grandes bailados. Ensaiou-os em seus menores detalhes, ensinando-lhe tôdas as minúcias que faziam parte dêsses dois papéis quando Nijinsky os criou! "La Sylphide", o bailado dinamarquês recriado por Harald Lander para a companhia, considerado um dos mais velhos existente no repertório mundial, será outra das suas criações no municipal. Também o tradicional "Les Sylphides" e o recente e verdadeiramente magnífico "Piège de Lumière", que será uma das maiores sensações da temporada a iniciar-se em 16 de junho no Municipal, também serão dançados no Rio por Golovine. Mas o seu "Feux Rouges-Feux Verts", a primeira coreografia dêsse bailarino que até agora só se tinha dedicado à dança, não será dado na **tournée** sul-americana, devido à dificuldade de trazer os seus cenários complicados. Êsse primeiro trabalho coreográfico de Golovine foi um pouco friamente recebido na sua estréia em Paris. Porém, depois de refeito e "podado" a crítica de Paris e Londres nêle reconheceu uma nova facêta bastante promissora do espantoso talento de Golovine. Finalizando esta sua sensacional entrevista para "A CENA" falou que já está com um segundo bailado, sôbre a Vida, a Verdade, a Destruição, na cabeça. Êsse é verdadeiramente um artista que só vive para a dança, da manhã até a noite...!





Serge Golovine, que faz do «ballet» o exclusivo lema da sua vida, não perde ensejo para manter os músculos em forma.



«Primeira Comunhão», com Aldo Fabrizi, lançamento da Art-Filmes.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 e 1 1/2 — fraco; 1/2 — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIAS DA PRESENTE SEMANA

3 — "PÁSCOA DE SANGUE"

Por ordem de exibição a quarta película de Giuseppe de Santis, mas a terceira em sua curta filmografia. Ex-crítico, revelou um estilo forte e poderoso, em um grande filme, o primeiro: «Trágica perseguição». Permanece, ainda, como a obra máxima de sua carreira. Apesar de muito bom, «Arroz amargo» foi uma película um pouco comercializada onde ao lado de polêmica social havia convencional história em tôrno das mondadeiras. Já em «Roma às 11 horas» realizada depois de «Páscoa de sangue» focalizou objetivamente um drama coletivo calcado em fatos reais. Um filme aliás bem menos formalista que os demais.

«Páscoa de sangue», que ora comentamos, não chega a satisfazer plenamente. Valor formal existe, é claro, em vários momentos, como o «climax» sublinhado pelo badalar dos sinos de Páscoa, no abismo. Vale a pena notar uma tendência de imobilizar os atores no quadro para extrair certos efeitos. Por outro lado, há aspectos de maneira de ser, tìpicamente italianos, além da descabida inclusão de uma personagem responsável por detalhes humorísticos, que quase comprometem os bons instantes dramáticos. Drama de certa rudeza primitiva, desenrolado na região da «Ciociaria» onde viveu o diretor, segundo suas próprias palavras, ao descrever e ambientar o espectador à região. Lucia Bosé repete, em outras circunstâncias, e em outro sentido a dança de Silvana Mangano em «Arroz amargo». O filme, apresentando as condições de vida dos pastores da região, não se compromete com a polêmica daquela fita com Silvana Mangano. Há, também, o vilão e a perseguição com perigo de morte, como na película anterior. E «páscoa de sangue» chegou a lembrar em certos pontos a película de Ciamerini «O flagelo de Deus» («Il brigante Musolino»), com Amedeo Nazzari, embora sem os laivos melodramáticos dessa fita. Estreou no cinema com esta película, Lucia Bosé (muito apreciável atriz) secundada por Raf Vallone, Folco Lulli (o vilão prepotente), Maria Grazia Francia e Dante Maggio. Título original: «Non c'é pace tra gli ulivi».

3 — "MAR CRUEL"

Realizado com aquela honestidade artística, estética e interpretativa tão características do bom cinema britânico. Baseado em um romance de Nicholas Monserrat, através de um roteiro do notável Eric Ambler, foi dirigido por Charles Frend, o responsável por «Epopéia trágica», «O imã encantado» e «Sorte louca». Filme premiado no Festival de Edinburg apresenta um tema um tanto repetido: a glorificação de uma marinha de guerra, em meio da segunda grande guerra. Êste é um obstáculo inicial, embora todo o sentido de epopéia. Outra desvantagem é que as imagens não se aprofundam o quanto seria de desejar junto às personagens centrais. Características de valor estão na discrição artística e profundamente correta do ator inglês, tão incompreendido por muitos mas dos mais artistas de todo o mundo. Embora sem procurar sensacionalismos e não ter sido feito com o menor intento comercial tem o seu apoio como um documento precioso de uma passagem gloriosa da marinha britânica. Não é filme que se possa recomendar ao público em geral mas, sim, apenas aos apreciadores de reconstituições de caráter naval, por ocasião de guerras. Contudo, sempre há um sentido de ação e equilíbrio na direção de Charles Frend. Fotografia eminentemente funcional, com belas exposições acêrca do imenso motivo de beleza que é o mar. Gordon Dines conseguiu excelente trabalho neste sentido. Alan Rawsthorne compôs uma linda partitura. Muito equilíbrio entre o elenco, com Jack Hawkins, Donald Sinden, John Stratton, Stanley Baker, Denholm Elliot, John Warner e Virginia MaKenna. Estreando na presente semana. Inglaterra, distribuição da Universal-International: «The cruel sea».

LANÇAMENTOS A PARTIR DE 17 DE MAIO

3 1/2 — "SUA MAJESTADE O SR. CARLONI"

«Sua Majestade o Sr. Carloni» é um filme despretensioso, sem grandes lances emocionais, sem rebuscamentos de forma, não procurando uma acurada análise psicológica. Entretanto, é um filme plenamente realizado. Narra a história do sr. Carloni, um rico burguês, um autêntico «self-made man», respeitado por todos, exceto pelos parentes próximos mas exigindo dêstes respeito, inclusive o título de comendador. O sr. Carloni sente-se feliz naquele domingo de Páscoa, em que sua filha prestará a «Prima Comunione» em que estréia seu carro novo (120 quilômetros por hora, em boa estrada, 130), que, provàvelmente, conquistará a insinuante vizinha. As peripécias desta Primeira Comunhão são engraçadas e traçam com autenticidade o extrato interno e externo da personagem onde não faltam, em determinados instantes, um lirismo e composição plástica cuidadosa, sem ser fatigante. A agilidade da direção de Blaseti, o argumento assinado por Zavattini, a centralização de tôda a trama no senhor Carloni interpretado com convicção por Aldo Fabrizi, um ator emotivo, de amplos recursos, que mais uma vez nos dá mostra de seu grande talento, quase desmerecem a atuação dos demais personagens que passam a constituir quase que elementos acessórios, criando situações para um verdadeiro e único clima para Fabrizi. Isto constituiria um defeito, não fôsse a perícia de Zavattini que circunscrevendo o filme a um fato (a perda de um vestido e sua busca), não procurou, apesar das afinidades do tema, tratá-lo à maneira de «Ladrão de Bicicleta» (o que não deixa de ser uma pena). Criaram, entretanto, uma comédia alegre, de ritmo ágil, espirituosa e, principalmente, humana. Título original: «Prima Comunione», lançamento no Art-Palácio e circuito.

2 1/2 — "HOMICÍDIO SEM CRIME"

É uma piada macabra com lances de tragédia. A película contém um certo exagêro na narrativa e na forma cinematográfica, refletindo-se na atuação dos atores. Talvez seja uma sátira mal delineada, sem o vigor e o caráter necessário ao gênero, porque a película é séria, um tanto em demasia. Algumas seqüências de bom «suspense», contando o elenco com valiosos atores como Derek Farr, Patricia Plunkett, Joan Dowling e Dennis Price sempre excelente no pai de um nobre arruinado. Se a direção conseguisse a película um aspecto de sátira ou paródia a certas narrativas cinematográficas teria sido uma obra aceitável. Filme inglês, «Homicídio sem crime», estreou no Império.

1 — "BUSCA DESESPERADA"

É uma realização modesta, despretenciosa, padrão classe «B». Conta-nos a história de um casal, de duas crianças e de uma ex-espôsa, uma espécie de víbora e mãe desnaturada. As crianças acabam numa floresta depois que o avião em que estavam cai, morrendo todos os passageiros. Apenas elas sobrevivem apesar do choque e de ficarem desacordados, a uns cem metros do aparelho destroçado. Baseado em situações inverossímeis e onde não há um pingo de verdade, a película torna-se frágil até o fim. O garôto é super-inteligente enquanto sua irmã não passa de uma retardada. Os atores mostram-se fracos tendo à frente Howard Keel, a inexpressiva inglêsa Patricia Medina e Jane Greer que pouco tem a fazer. As duas crianças paulificantes principalmente a menina. Keenan Wynn é bom ator, sempre mal aproveitado. Elaine Stewart a nova sensação de Hollywood aparece num abrir e fechar de olhos, quase impercebível. Joseph Lewis é o diretor dêste medíocre espetáculo. «Desperate Search», da Metro Goldwyn Meyer, estreou nos cinemas Metro.

OS "BÓLIDES"

4 — "APRENDENDO A SER HOMEM"

Os exibidores cometem freqüentes erros e injustiças contra belos filmes de cinema. Obras de arte são julgadas anticomerciais e, assim, relegadas no Rio a cinemas ou de bairros ou de categoria inferior, os filmes intitulados de «bólides». A equipe crítica de A CENA, sempre vigilante, conseguiu surpreender o lançamento dêste notável filme que um dos seus responsáveis já havia presenciado em São Paulo, quando do seu lançamento no Cine Oásis. No Rio, acaba de ser estreado no Iris (!, rua da Carioca!) e em programa duplo! As suas exibições tiveram início na segunda-feira 24 mas irão apenas até quinta-feira, dia 27, isto é, poucas pessoas poderão assisti-lo, embora, mais adiante, possam vislumbrar o «bólide», em algum cinema de bairro. Note-se que A CENA é a única publicação brasileira a controlar essas películas onde despontam, muitas vêzes, obras-primas de cinema.

O atual é um precioso filme inglês. Evoca os rígidos costumes de um internato de menores que se tornou famoso, na Grã-Bretanha, pelo primitivismo dos castigos que eram postos em vigor entre os próprios alunos. Há uma mensagem bem característica da índole inglêsa: a repulsa contra a mentira. Conta a trama a história de um adolescente que cometia uma série de desatinos, entre os seus companheiros. Contudo, as suas baixezas iam sendo toleradas até que, um dia, mentiu. Aí, não houve dúvidas: foi expulso do estabelecimento. John Howard Davis tem um dos melhores trabalhos do mês no menor que se sente desambientado ante a tirania do maior acima. Como trabalho de evocação histórica, forma diretorial e absoluta correção interpretativa, merece a distinção de figurar entre os melhores do mês de maio, no próximo «Quadro de Honra». Porém, foi um «bólide» fugaz que a maioria dos entusiastas de belos filmes dificilmente poderá ver.

DESCOBRINDO OS "BÓLIDES"

Além de «Aprendendo a ser homem» estreou, no mesmo programa do Cine Íris, «Mulheres sem amanhã», cuja crítica será feita na próxima semana. No mesmo cinema estão programados outros «bólides», alguns dêles também com o seu interêsse. Dia 7: «Mórbida fascinação» e «Sinbad, o mariado» (ambos de distribuição da United); Dia 11: «Mulheres indomáveis» e «Passos da noite» (igualmente da United); Dia 14: «Caçadores de recompensa» e «Férias de divórcio» (ambos da Monogram).

1 ½ — "MORRENDO DE MÊDO"

Moldado numa fôrma já muito usada, «Morrendo de mêdo» não é mais do que uma sucessão de chavões e lugares-comuns, estampados nos mais corriqueiros clichês. Caracteriza-se por uma total despreocupação de qualquer senso de lógica ou cinematográfico. A trama não tem seguimento, é um amontoado de incidentes bem característicos dos filmes do gênero. E o ritmo da película é inteiramente fragmentado. O filme está nitidamente dividido em duas partes: na primeira, bons números musicais interpõem-se a algumas piadas engraçadas. A segunda, cômicamente mais pobre, não faz mais que repetir as cenas das comédias «fantasmagóricas» de Abbott e Costello. O «script» não aproveita os parcos recursos de Jerry Lewis, palhaço nato, fazendo-o repetir-se até a saturação. Dean Martin, encarregado do romance, nada tem de especial a não ser uma voz agradável. George Marshall, o diretor, está ausente da primeira à última cena, deixando todo o mundo à vontade. O melhor trecho do filme é o inicial, quando o «maitre» segue a pista de espaguete deixada por Lewis, ouvindo-se ao fundo a voz de Martin em um número musical. Lewis seria melhor, se apresentasse sempre a alienação mental «explosiva» que demonstra na canção «Bingo». Carmen Miranda, Bob Hope e Bing Crosby aparecem para dar mais sensação ao «show» «Scared stiff», produção Paramount, estreou no Plaza e circuito.

1 — "VINGANÇA DO ÁGUIA NEGRA"

Uma «vendetta» tipicamente italiana, com os personagens fantasiados de russos, «A vingança do Aguia Negra» inicia-se com uma matança de fazer inveja ao próprio Shakespeare, e termina com um duelo a espada, entre dois cavaleiros, à beira de um precipício, na mais pura tradição dos velhos «western» seriados. Em sua insignificância, o filme rivaliza com «Aguia negra», «O gavião do Nilo» e outras aves de rapina «made in Italy». A película se assemelha a muitas outras, com o oprimido que jura vingar-se, havendo até um trecho em que, para evadir-se, o herói faz-se passar por morto provando que tem muito mais fôlego do que o próprio conde de Monte Cristo. Cavalgadas de cá para lá, e de lá para cá, péssimas interpretações do «mocinho» Rossano Brazzi e de Gianna Canale, sobrando dêsse balanço um rebento que é como que uma garantia de que a série «Águia negra» não ficará por aqui, continuando ainda por muitas gerações. Constatação em nada animadora . . . Título original: «La vendetta di Aquila Nera», uma produção API, distribuição da Telefilmes lançada na linha do Pathé.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

ESTRÉIAS A PARTIR DE 10 DE MAIO

«PASCOA DE SANGUE» («Non c'e pace tra gli ulivi») — Com Raff Valonne e Lucia Bosé. Direção de Giuseppe de Santis. (No Opera).

«MAR CRUEL» («The Cruel Sea») — Com Jack Hawkins. Direção de Charles Frend. Filme inglês. Universal. (No Marabá e circuito).

«ESCUNA DO DIABO» («Fair Wind to Java») — Republic, com Fred Mac Murray e Vera Ralston. Direção de Joseph Kane. Trucolor. (Art Palácio, Universo, Rivieira, em tela panorâmica).

«O FILHO DE OUTRA MULHER» («Cento piccole mamme») — Produção e história de Leonide Moguy, com Lia Amanda. Direção de Giullio Morelli. (Ipiranga).

OUTRAS APRESENTAÇÕES

3 — «A HISTÓRIA DE TRÊS AMÔRES» («Story of three loves») — Metro, com James Mason, Pier Angeli e Farley Granger. «Technicolor». (No Metro e circuito). Já criticado em A CENA.

«DELIRIO DE AMOR» («Locura de amor») — Filme espanhol, com Aurora Bautista e Jorge Mistral. Direção de Juan de Orduña. (No Bandeirante).

«O HOTEL DO MONTE BRANCO» («White Gradle Inn») — Filme inglês, com Michael Rennie e Madeleine Carroll. Direção de Harold French. UCB, no Normandie.

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«O MANTO SAGRADO» — (6ª semana, no República).
«OS FILHOS DO AMOR» — (4ª semana, no Jussara).
«A ÚLTIMA SENTENÇA» — (3ª semana, no Paratodos).
«AVENTUREIRO DO MISSISSIPI» — (2ª semana, no Ritz).
«O CARRASCO DE VENEZA» — (2ª semana, no Marrocos).



«Três Histórias Proibidas», da Art-Films. (Foto recibida diretamente da Unitália).

PRÉ-ESTREIA: FESTIVAL ART

2,5 TRÊS HISTÓRIAS PROIBIDAS

«Três histórias proibidas» aproveita o mesmo acidente de «Roma às 11 horas» — o desmoronamento de uma escada — para servir de introdução e trazer o desfecho aos três episódios. O acidente não é, como no filme de De Santis, o motivo principal; entretanto, dificilmente se resistirá a não comparar as seqüências que descrevem o drama nas duas películas, comparação em que perde Augusto Genina. «Três histórias proibidas» padece de muitos defeitos. Em primeiro lugar, não procura retirar da simplicidade seu valor, desprezando o quotidiano e perdendo-se num emaranhado de situações forçadas. A trama é débil, ausente de significado verdadeiramente humano, e o artificialismo impera. As histórias carecem de consistência e são de tal modo dramatizadas, que tornam-se um arremêdo da vida. A direção de Genina é inexpressiva, dispersiva, fraquíssima a exposição cinematográfica, lançando mão freqüentemente do recurso da narração falada. Na primeira história, uma jovem, violentada quando menina, tem sempre a vida ensombreada pelo incidente, sofrendo como se fôra culpada. O drama peca, a princípio, pela falta de preparação, e no desenvolvimento, pela falta de profundidade na análise das reações da moça. A inexpressividade de Lia Amanda entra como cúmplice no superficialismo do episódio. A segunda história, com alguns momentos de boa comicidade, trata de uma jovem modesta que julga encontrar a felicidade desposando um milionário, mas desilude-se quando descobre que seu príncipe encantado é um perfeito imbecil e voluntarioso. Êsses dois problemas são resolvidos pelo acidente de maneira feliz, trazendo um amor sincero para a moça solitária, e reunindo a datilógrafa a um cretino mais cordato. A terceira, traz Eleonora Rossi Drago numa excelente interpretação como uma cocainomana que luta e sucumbe finalmente ao vício. O final trágico da jovem não comove, porque não convence. Na conclusão volta Genina a demonstrar a falta de eloqüência de seu cinema, usando o narrador cujo emprêgo é abusivo em todo o decorrer da película. E assim, irritantemente pretencioso e medíocre até os instantes finais, terminam as «Três histórias proibidas» que só serviram para confirmar o nosso descrédito no cinema dêstes últimos tempos.

Título original: «Tre storie proibite», uma produção Electra.

A NOSSA CAPA:

De ALICE GONZAGA, exclusivo para "A CENA"

SEGREDOS DE AVA GARDNER

"NÃO SEI REPRESENTAR — TENHO APENAS INSTINTO — A MINHA CARREIRA E' UMA EXTRAVAGANCIA

O que avulta na vida da linda morena de olhos verdes de a nossa capa é a sua vida ou o número de casamentos importantes. Esta pequena das montanhas de North Caroline (Smithfield), aos 18 anos casou-se com o conhecidíssimo Mickey Rooney. Êste curto casamento, muito comentado, teve sua felicidade, apesar da agitação da imprensa. Foi uma grande publicidade para Ava. Chamavam-na a Noiva Descalça, pois tinha que tirar os sapatos para beijar o marido e ainda mais: começaram a falar que ela era apenas sra. Rooney, quando estava interessada em ser Ava Gardner.

Divorciada; mais tarde conheceu Artie Shaw e acabou casando com êle em outubro de 1945. Durou um ano também. No entanto seu segundo marido apresentou-a aos bons livros, à música e à arte. Levantou-a emotivamente, fazendo ela ver que era uma criatura humana e não uma boneca de estúdio e que havia outro lado lado da vida além de clubes, "glamour". Aprendeu que o lar e não Hollywood era o centro, o motivo, o ideal a escolher de uma mulher.

Em 1951, casou-se Frank Sinatra após um "flirt" com Howard Duff. Criticaram-lhe muito de estar saindo com o popular cantor quando ainda êste estava casado. Ela, assim se desculpou: "Quando Voz (como chama Sinatra na intimidade) me convidou a sair pela primeira vez eu disse que não saia com homens casados. Êle me respondeu que positivamente já tinha terminado tudo com Nancy Barbato". O fato é que êle teve que ir ao México para concluir o seu divórcio... Os jornais comentaram... e Sinatra disse que isso era de sua vida particular. A "estrêla" por seu lado falava: "Isto liquida comigo; terminou a minha carreira. Nunca mais firmarei um contrato".

Tudo só aumentou a publicidade de Ava. Muitas entrevistas e o marido dizendo que a publicidade não fazia uma "estrêla", como o sucesso de uma artista. Contudo permaneceram dois anos casados e tiveram 12 brigas.

Divorciados fêz ela sucesso com o seu papel em "Mocambo" e êle em "From Here to Eternety", filme recém-premiado e que trata de um episódio passado momentos antes do ataque de Pearl Harbour.

Entre os filmes de Ava, notam-se: "Estrêla do Destino", "Assassinos", "Vênus", "Deusa do Amor", "Pandora" (durante cuja filmagem Sinatra foi à Europa e falou-se que êle tinha ido ver se era verdade os amôres de Ava com o toureiro do filme), "Singapura", "Banco de Ilusões", "Neves de Kelimandjaro", "Lábios que Escravizam", "Mundos opostos".

Estêve para "estrelar" "Madame Dubarry" (na Itália), sob a direção de Galone. Lá até dançou um samba com Filippo D'Edimburgo.

Ava tem um complexo e disse numa entrevista: "Não sou atriz, não sei representar. Tenho apenas instinto. A minha carreira é uma extravagância. Prefiro viver na obscuridade. Todos olham para mim".

CINE-RESPOSTAS

TÔDA CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO DEVERÁ SER ENDEREÇADA A ROVLAND, CINE-RESPOSTAS, "A CENA MUDA", RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15, RIO DE JANEIRO, BRASIL.

Em virtude do crescente vulto de pedidos de números atrasados, bem como de muitos outros, relativos ao fato de "A CENA" se estar ràpidamente esgotando em vultoso número de cidades a medida de mais rápida e eficiente solução é a da assinatura, semestral ou anual, mas exclusivamente através de registros, conforme as devidas elucidações que se encontram na barra inferior da página 34. Dado o rápido incremento que também tomou a secção de Cine-Respostas, uma conseqüência de grande aceitação atual de "A CENA", passará a mesma a ser publicada semanalmente, conforme o desejo dos leitores ma "enquête" a que estamos respondendo minuciosamente, a todos: "As cotações dos leitores".

A. SANTOS (Uberlândia) — A sua correspondência foi entregue a Jonald que responderá prontamente. Entretanto, envia, desde já, os seus profundos agradecimentos. Números para o sorteio dos álbuns: 156, 157 e 158.

MARIA IRENE GOMES DE MATOS (Recife) — Recebemos as suas gentis cartas de 26 de abril e de maio, com mais duas excelentes colaborações para "A página dos leitores". A primeira delas será publicada na próxima "A CENA" (22). E a outra — "Long-Shot" julgou a melhor dos que enviou! — não tardará a sair. Já deve ter visto o de Marylin ("CENA" 19) A) — Richard Burton sairá na capa, com reportagem interna de Alice Gonzaga. Está demorando porque depende da chegada de foto inédita e especial para a revista e as respectivas "fans"; B) — Leon saiu para secretariar "A Manchete" mas não mais pertence à referida revista escrevendo, atualmente, para "Revista da Semana"; C) — O concurso que já vem sendo anunciado por "A CENA" e que oferecerá belos prêmios aos leitores será iniciado imediatamente após o próximo término do outro "Quais os filmes que desejaria rever?". De fato, serão "testes" cinematográficos; D) — Não há exagêro algum em tôrno dos seus bons artigos. Continue a enviar, sem depender de publicação; E) — Agradecemos, em nome da equipe de "A CENA" ao Festival de S. Paulo as suas altas apreciações sôbre o mesmo. Números para o sorteio dos álbuns o qual, aliás, será através da Loteria Federal de 26 de junho: 159, 160 e 161.

LUÍS BONIFÁCIO (Belo Horizonte) — As suas longas e justas apreciações para "As cotações dos leitores" foram apreciadíssimas. A) — As suas colaborações para "A página do leitor" são magníficas. Com o valor demonstrado, estamos certos de que terminará mesmo como jornalista profissional de cinema; B) — "Carta a Carlitos" será publicada em trabalho à parte, fora da "Página do Leitor", ao lado de um outro, também sôbre Chaplin, de R. Quevedo. Parabéns de todos e de "Long-Shot"; C) — "Segredos da tela" representam inegáveis e valiosas lições de cinema, apresentadas de maneira fácil e didática. Desta maneira, fica prejudicada a sugestão para se criar "Lições de cinema". E' possivel que quando vier a ser encerrada possa ser criada uma outra, de nivel mais profundo. Para quem vem acompanhando tôda a série (foram publicadas cêrca de 20 "aulas") isto já constitui uma base para um provável e pequeno curso. Entretanto, vejamos quantos pedidos semelhantes vamos receber; D) — Os nossos estúdios não estão aparelhados nem para fornecer suficiente material para a imprensa (publicidade dos seus filmes). Ademar Gonzaga e Pedro Lima ("O Jornal") são os dois maiores colecionadores. Camos ver o que é possivel. Gratos por tudo. Números para o sorteio dos álbuns: 162, 163 e 164.

R.R. QUEVEDO (Pôrto Alegre) — "A CENA" recebeu, simultâneamente, e bem diversos um do outro, o seu trabalho sôbre Chaplin e, também, o de Luís Bonifácio, de Belo Horizonte. Como homenagem não apenas pessoais, a ambos, mas, igualmente para todos aquêles que têm colaborado tão eficientemente na "A página do leitor", ambos serão publicados em páginas especiais, de acôrdo com o que resolveu o secretário da revista. Parabéns e muito grato. Números para o sorteio dos álbuns: 165, 166 e 167. Na sua próxima carta, faça o obséquio de enviar o enderêço.

MIRIAN (Rio) — Não está terminado o prazo para o envio das "Cotações dos leitores" e, conseqüentemente, habilitar-se ao sorteio dos belos álbuns. Poderá enviar as notas e sugestões em fôlha à parte, sem sacrificar a sua coleção. Muitos assim pediram e estamos aceitando sem o recorte dos "coupons" publicados nas "CENAS" 14, 15 e 16. Quanto à sua amiga da Bahia será melhor enviar por via aérea pois o prazo para o recebimento das respostas será encerrado no dia 31 de maio. Desde que as cartas sejam carimbadas até aquela data e cheguem a tempo de os números serem relacionados em "Cine Respostas", isto é, logo nas primeiras malas aéreas vindas do norte, ainda concorreram ao sorteio. Entretanto, caso retarde e não saiam publicados nesta secção não poderá, é claro, concorrer. Números para o sorteio: 168, 169 e 170. Gratos pelas atenções.

FÁBIO DI SIMONI (Passos, Minas Gerais) — A) — De muito valor a sua sugestão sôbre os confrontos entre as mais célebres refilmagens do cinema. Como no presente momento "A CENA" publica a resenha que tanto lhe agradou, "Os melhores de todos os tempos", a criação de outra secção saudosista constituiria um excesso de análise histórica. Depois, haverá uma segunda série de "Os melhores", relativa ao cinema silencioso e todos os célebres filmes de outrora, inclusive os refilmados, figurarão nas páginas de "A CENA". Mais adiante, talvez fôsse viável; B) — As resenhas das carreiras dos diretores constitui algo que tem recebido muitos pedidos. Embora faltem ainda alguns dias para o término do prazo, esta solicitação é uma das favoritas; C) — A sugestão em volta de "Ídolos do passado e do presente" já está, pràticamente atendida. Surgiu paralelamente ao lançamento do concurso de "As cotações dos leitores". Antes desta "enquête" já eram tão vultosos os pedidos a respeito que foram criadas "A Nossa Capa" ("astros" e "estrêlas" do presente) e "Os grandes vultos da atualidade e do passado" (em geral, do passado); D) — "O que êles estão fazendo" tem constado, em geral, em "De Todo o Mundo". Com a ampliação desta secção, a partir da segunda quinzena do mês de junho, maior número de fotos serão publicadas a respeito; E) — a melhoria de impressão já surgiu em "A CENA", desde o número anterior ("CENA" 20). Poderá confrontar com os anteriores números e observar as modificações neste setor, a partir do número 20. Números para o sorteio dos álbuns: 171, 172 e 173.

(Cont. na página 34)



Jane Wyman e Rock Hudson durante a estréia de um filme em Nova York mantêm uma animada palestra.

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para "A CENA" coordenados por L. BOLTSHALSER

Yvette Lebon, outra francesa, trabalha ativamente nos estúdios italianos. Atuou em "Milady e os mosqueteiros" e "O cavaleiro da Casa Vermelha". Logo a seguir, Mlle. Lebon partirá para Munique, onde será a "estrêla" de uma importante produção franco-alemã. A era das co-produções, não há dúvida...

Hollywood

De sua atitude agressiva, passou Marlon Brando à mais contrita humildade. Fêz saber à firma que intenta contra êle um processo de dois milhões de dólares de indenização, que está disposto a atuar ao lado de Jean Simmons em "Desiree". E, se os chefões estiverem "zangados com êle", ameaça deixar a profissão e tornar-se fazendeiro...

Tão pronto terminem as filmagens de "Vera Cruz", pretende Gary Cooper partir para a Europa, incluindo em sua escala, desta vez, a Suécia, a Dinamarca e a Noruega.

O papel que era destinado a Dolores Del Rio em "Broken Lance" foi confiado finalmente a Katy Jurado. É que Dolores não consegue o visa de entrada das autoridades de emigração; acusam-na de "filiações políticas duvidosas".

Gina Lollobrigida tornou-se a coqueluche dos produtores ianques, depois de sua atuação em "Beat the devil". Como a encantadora italiana não quer residir em Hollywood, Hollywood procura mantê-la ocupada na Europa mesmo. Presentemente, Gina é a "estrêla" de "The wine of the Etna", onde tem por companheiro John Ireland.

Itália

No estúdio Palatino, em Roma, a bela atriz e dançarina francesa Ludmilla Tchérina prepara-se para entrar em ação frente à câmara como "A filha de Mata Hari". Para êsse papel, Ludmilla não dançará "ballet", mas sim um "be-bop" que ela ensaia com Biron Cutler e Benjamin Harlem, dois dançarinos da "troupe" de Katherine Dunham.

França

Jean Dellanoy prepara, com os cenaristas Antoine Blondin e Roland Laudenbach, uma adaptação da novela "Obssession" de William Irish, que terá por "astros" Michèle Morgan e o italiano Raf Vallone

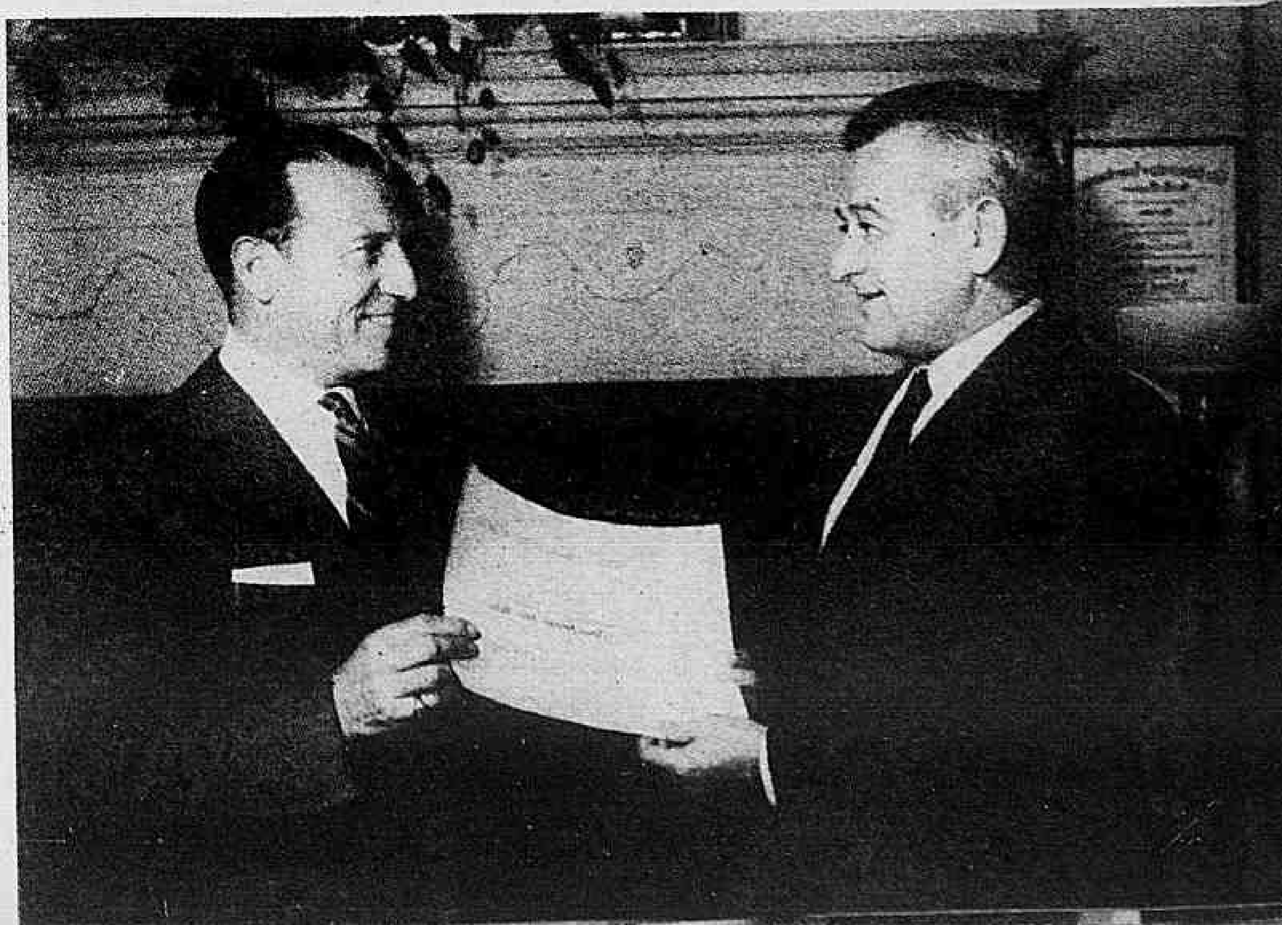
Só quando terminar sua "tournée" teatral pela Suíça, Itália e Alemanha, em setembro, é que Edwige Feuillère retomará contacto com o cinema. Ela será a heroína de uma encantadora comédia, "Les fruits de l'été", uma produção de Harispuru a ser dirigida por Raymond Bernard.

Depois de ser o vilão de "Interdit de séjour", Claude Laydu incarnará um papel romântico em um "Schubert" italiano, a ser realizado em côres.

México

Já foram assinados acôrdos cinematográficos com os Estados Unidos, que realizarão no México uma quinzena de filmes. Atualmente estão sendo rodados no país os exteriores de duas películas americanas, "Vera Cruz" com Gary Cooper, e "Sitting bull", com Dale Robertson. Enquanto os diretores nativos continuam em atividade: Bunuel prepara uma sátira social, no estilo de "Los olvidados". Emílio Fernandez terminou "José Marti" enquanto Pedro Armendariz atua em "A rebelião dos enforcados".

Luigi Luraschi entrega a William Wyler o diploma de participação de seu filme «A Princesa e o Plebeu», no 1º Festival Internacional de Cinema, realizado no Brasil.





Jean Louis Barrault, ator e diretor francês, uma das maiores expressões do teatro mundial, atualmente em temporada no Brasil

teatro Música

OSWALDO de OLIVEIRA

TEMPORADA BARRAULT NO MUNICIPAL

Brilhantíssima, sob todos os pontos de vista, vem transcorrendo a atual temporada do Teatro Municipal. O primeiro espetáculo apresentou duas peças. Uma de um imortal gênio do passado e a outra, de grande vulto contemporâneo e ambas procurando a cidade de Thebas para ambiente. A primeira delas, «Oedipe», de André Gide, com tôda a justa celebridade do autor, é de fraco texto. O autor procurou, em vão, satirizar a tragédia grega. Foi um momento de confusão e fraqueza, particularmente na forma, do grande escritor. Esta é a verdade. Agora, com a inteligência e arte de Barrault e seu elenco, o nível do espetáculo se tornou apreciável. O gênio do teatro e do cinema francês elevou o nível geral e influenciou favoràvelmente os seus comandados, onde se destacaram Pierre Bertin (Creon), Beauchamp (Tiresias), Polynice (Sempey) e a deliciosa Simone Valere, «estrêla» do filme francês «O trigo cresce» (exibido no Festival de São Paulo) e que vai ser entrevistada por «A CENA».

«Amphitryon», a segunda peça do espetáculo, de autoria de Moliére, que data de 1688 e que possui um eterno sabor. E a «mis-en-scene» de Barrault é uma autêntica obra prima. Inspirou-se nas gravuras do «Carnaval de Louis XIV», nas antigas apresentações dos elencos italiano e de diversas gravuras célebres de Moliére. De tudo isto resultou algo que dificilmente poderá ser esquecido. Por outro lado, a perfeição dos desempenhos de todo o elenco impressionou muito, de sorte a resultar em um impacto de admirável fluência.

Contudo, a expressão do belo, em matéria dos próprios clássicos, e também de Moliére foi superada, na própria companhia, em outro excepcional resultado: «Misanthrope». Uma autêntica delícia para os sentidos tanto o entrecho, de finura e de evocação de sentimentos do passado como sòmente o autor poderia ter sugerido. Porém, o que elevou o espetáculo à culminância do mais belo da presente temporada foi o magistral equilíbrio diretorial e interpretativo elevado por Barrault e todo o elenco. O caso de amor do herói e a sua personificação da parte de Barrault é obra genial. Todo o elenco manteve o espetáculo em raro clima de delícia artística. Um trocesso a outros séculos, com a sua poesia quase irreconhecível perante o mundo atual.

Rádio

EDEL NEY

III — Galeria dos «disc-jockeys» cariocas — Carmelita Pereda.

Comparece hoje à nossa "Galeria de "disc-jockeys", o nome de CARMELITA PEREDA.

Cantora, produtora, Carmelita vem emprestando o seu concurso, no momento, à Rádio Vera Cruz, onde apresenta, tôdas as têrças-feiras, das 17,30 às 18,00 horas, o seu conhecido programa: "Seu lar, sua vida". Uma das grandes batalhadoras em prol de uma música popular brasileira cada vez melhor, mais forte e conhecida, seu nome goza de um prestigio e respeito enormes, entre os brasileiros de fato, que amam a nossa bela música.

★

Revestiu-se de grande êxito, a inauguração dos novos estúdios da Nacional paulista. Oportunamente, publicaremos ampla reportages a respeito.

★

A Casa Neno vai patrocinar programas exclusivos com os novos "astros" e "estrêlas" revelados pela PRE-NENO.

Assim, terão programas especiais, na Nacional, breve, Roberto Luna, Carlos Augusto e Norma Suely.

Rogéria já tem dois programas seus: sábado, na Nacional, junto com Emilinha Borba, e domingo, na Mayrink Veiga, meia hora só dela.

Carmelita Pereda, «disc-jockey» carioca.



PÁGINA DO LEITOR

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem — Tôda a correspondência deverá ser endereçada a «LONG-SHOT».

"GILBERT ROLAND E ANTÔNIO MORENO"

O fã de cinema que há pouco assistiu "Borrrasca", apenas levou para casa a comum impressão que causa um filmezinho de linha, em bom tecnicolor, com o excelente James Stewart. Refiro-me ao fã de hoje, porque o da velha guarda, viu mais: viu — recordando-se, por certo, do velho cinema silencioso — as atuações de Gilbert Roland (o pescador) e Antônio Moreno (o pai da moça). O primeiro, galã de filmes mudos, como "A Santa loirinha", com Doris Kenyon e Lewis Stone; "Docas de New York", falado, com Norma Talmadge e uma série de filmes falados em espanhol, na Fox, no início dos "talkies". O segundo, o velho moço, Antônio Moreno — galã de Greta Garbo em "Terra de Todos" um drama dos pampas argentinos; herói do famoso seriado "A Casa do ódio", com a falecida Pearl With; galã da belíssima Bilie Dowe; herói de filmes hablados em espanhol, como "El Hombre Malo", "Corpo de Delito", com Ramon Pereda (hoje marido da Maria Antonieta Pons), "Nas margens do Rio Grande", junto de Warner Baxter, e muitos outros.

Êsses velhos artistas do cinema ainda continuam levando seus fãs ao cinema, pois eu não teria assistido tal filme se não tivesse visto seus nomes no cartaz. Que se dê oportunidade aos novos é muito justo, mas é êrro dos produtores pensarem que o público esquece seus ídolos.

PAULO GUSTAVO — (Niterói)

O HOMEM DA FLOR NA BÔCA

Na sua quarta representação monumental, o "Clube da Chave", apresentou, "O Homem da Flor na Bôca". Egrégio desempenho de Silva Ferreira, êsse baiano prodigioso que Pôrto Alegre tem a honra de hospedar. Contracenou com Jorcely Marques, um novato que sem dúvida, muito promete para o futuro. Idolatrado pelo público, que superlotava as dependências do simpático clubinho, teve o drama em um ato de "Pirandello", (dedicado à Casa do Artista Riograndense) uma interpretação magistral, aliás, como era de se esperar: carecendo da importância, — o ambiente freqüentado pela mais seleta mentalidade artística do mundo boêmio portoalegrense. Só mesmo um experimentado ator, conhecedor profundo dos costumes de vários povos, nos poderia brindar com tão elevado índice interpretativo.

Jogando com nossa vontade, desperta o subconsciente nas mais bizarras figuras. Faz-nos sentir a aproximação exata do delírio e o sentimento apaga-se. Libertando o despótico eu, há, na penumbra da sala, o "suspense" o desfecho da tragédia. A alma do homem sente na carne o pestilento inseto da morte, mas a cobardia (ou instinto de conservação) domina a vontade, e a revolta é um desesperado grito de dor.

Conheci Silva Ferreira, quando no Teatro do Estudante dirigiu "A Corda" (The Rope) de Patrich Amilton, a sordidez macabra do ambiente, a marcação esquemática, e o sentido homogênio na interpretação de amadores, me fêz ver nêle um grande diretor. Dias após na "Guaiba Filmes" assisti por êle uma dissertação, (relaxation detente) de como o ator vive o personagem, ainda me fêz ver nêle um grande professor. Agora, estou diante de um grande ator. Está portanto de parabéns, Pôrto Alegre e o Rio Grande do Sul, com Silva Ferreira entre nós.

R. R. QUEVEDO

"OJOS ABIERTOS"

Opinar sôbre lançamentos laureados da tela é engalfinhar-se na tabela logarítima de S. Excia., o "Público". Isto mesmo, o pequeno público do cronista amador (se é que êste o tem). o que não é de agravar, pois, do meu turno sou acérrimo admirador daqueles valorosos colaboradores (conforme a classificação do sr. Ricardo de Oliveira Filho, na "CENA" de fevereiro...) o que já é um incentivo.

Paralelar-se no gôsto geral sem fatorar efeito e causa da influência fílmica é ser comodista, e transgredir as normas da crônica.

Em suma, surge a crítica... mas a morbidez dos outros, daqueles que se fundem ao majestoso, tendo como veículo o cinema "guixé", é que não alentam esta coezão do honesto. Paciência...! A promiscuidade social e tantas outras fontes de informações colocam os fáceis ante mil e uma avassaladoras dúvidas. É a vingança do cronista.

Cada pessoa tem dois lados... o externo e o interno. Muita coisa pode acontecer do lado de fora, mas o que é realmente essencial tem de ser sentido no íntimo de cada um.

Evocando o neo-realismo, diga-se que um Melaparte "Cristo proibido" no seu grito contra a guerra, que, até agora representa o mais sensível problema da Itália, um Pietro Germi "Caminho da esperança", etc... estão discernindo a critério, ambas as partes: externa e interna, atendendo a relação existente entre a transformação e o agente que a ocasionou.

São expressionistas suaves ou brutais — mas, necessários, que o tempo e experiência tratarão de dar vida a tal escola cinematográfica.

Vem agora o contraste violento dos maus realizadores (visão do sonante), excedendo-se em sensualidades e incongruência de personagens sofisticados que deixa o puritano sem a aureola do pudor. E o que dizer sôbre o arremêdo do espetacular? aquela pompa esmagadora e nababesca de temas pretenciosos... Excetua-se respeitosamente "O maior espetáculo da terra" que é a síntese da concordância do conjunto; nêle tudo é poderoso como De Mille e vibrante como o "gran" Circo.

Sem romper a suberdência dos que se fascinam pelos mambos e frevos acrescente-se que, sem o suave lirismo do neo-realismo e sem a poesia singela da vida "tout la même chose". necas de arte.

Ofuscar também o misto de malícia e o senso humorístico do "sex-apeal", seria ir de encontro à lei natural das coisas. Ademais, permitir que se tome conhecimento do "material" por vias diretas e perigosas, resultaria disso que, o confuso censo de excitação provocaria a inquietude entre os "fáceis" e os... "críticos" (?).

Quando nos achamos imersos entre "fáceis" e "difíceis", não parece valer apenas mostrar-se triste, mas sim, opinar o quanto se pode, sem procurar grandes motivos.

O proverbial é que, jóias cinematográficas do passado e jóias cinematográficas do presente não se esfumam em vão. Aí, mocinho...

Com tantas jóias assim desperdiçadas diz-se-vos-há que a Ninon Sevilha é que estava certa após haver sido escandalosamente surripiada em São Paulo:

— Hay que tener los ojos abiertos...

RAIMUNDO ANUNCIAÇÃO COSTA (Bahia)

RUMO AO INFERNO

Foi exibido, há semanas, em programa duplo aqui no Rio, um "bólide", o filme "Rumo ao inferno" (the narrow margin) dirigido por Richard Fleischer. É uma produção B sem grandes ambições, porém nota-se em Fleischer um realizador vigoroso com grande senso ritmico. Seus filmes anteriores: "Império do crime", "O cêrco" e "O amor, sempre o amor", nada dizem dêsse diretor.

"Rumo ao inferno" revive o filme de "gangster" sem o derivativo psicológico tão decantado pelo uso demasiado e sem gôsto. Sua ação reduzida a uma viagem de trem, mantém um "suspense" proposto por ritmo vivo e ágil, elaborado por inteligente roteiro de Earl Felton. Há uma luta num banheiro, que só encontramos rival, em montagem. no filme. "O incógnito", também da tendencia moderna do cinema americano, de um diretor que ainda não se encontrou: Robert Parrish. A violência nessa nova escola (réplica ao neo-realismo) não é encarada com o sadismo, como vinha até então (e ainda) sendo usada. Aproveitam-na para criar realismo por processos técnicos num ritmo sufocante, brutal e veloz. Salientamos também o emprêgo de fusões plástico-sonoras não como elemento ocasional mas enquadrado no ritmo da narrativa visual.

O intérprete principal do filme, Charles McGraw, também merece destaque. É um artista do tipo de Kirk Douglas. entretanto sem a sorte dêste. Criou seu tipo dentro dos moldes dêsse moderno cinema policial. Colocamos esta película entre as apresentações mais cinematográficas do mês de Março último. Quanto ao estímulo moderno e ritmico da nova escola (que é mais uma reação ao cine italiano), temos que esperar algo mais concreto para uma apreciação completa e detalhada.

CINEMANÍACO (Rio)

O CANGACEIRO

Não sabemos como Lima Barreto teve a coragem de ir dirigir um argumento de sua autoria, cujo conteúdo era nulo. Porém, graças a sua inteligência, conseguiu êle fazer a melhor película do nosso cinema.

Mesmo sendo a história fraca, era bem brasileira e isso, Lima Barreto soube explorar na forma, dando-nos um filme completamente nosso. Ora, se o cangaço existiu e fez-se um filme a seu respeito, é claro que os fazedores procurassem aproximá-lo o mais possível do real e não fazer um filme com lugar, época e personagens fictícias. Êste é o ponto fraco do filme. O filme de Lima Barreto tem ritmo até a fuga de Teodoro e a Professôra. Aí o filme cai, vindo levantar-se na seqüência final. A coisa mais absurda do filme é a fuga de Teodoro com a Professôra. Êles vão fugindo do Capitão Galdino cavalgando devagarinho, — como se fôssem para um passeio. Depois chegam num lugar e param para chatear o público um bom pedaço. Aí aparecem ainda, um índio e uma onça que não sabemos como Lima Barreto, inteligente como é, tenha pôsto no filme. Na hora da caçada à onça, há uns cortes muito bem feitos. As cenas do acampamento do bando são bem feitas. A vila tomada pelos cangaceiros é tipicamente brasileira. Tudo que nela aparece é real. A seqüência da morte do traidor puxado pelo cavalo, é muito boa. As cenas inicial e final onde aparecem os cangaceiros indo e voltando respectivamente foram feitas com inteligência, valorizadas mais ainda, pela música. A fotografia de Chick Fowle é fabulosa. Soube fotografar com bastante inteligência, tirando partido dos efeitos especiais. Seu nome deve figurar entre os maiores fotógrafos do cinema. Falando das coisas positivas, não podemos deixar de mencionar a interpretação de Milton Ribeiro. Êle nos oferece uma interpretação segura e correta. Marisa Prado e Alberto Ruschel não convencem. Lima Barreto como ator está regular. Foi um grande feito êste filme de Lima Barreto. Fazemos votos que êste senhor faça o que está dizendo, ou seja de tornar o Cinema Brasileiro, o maior do mundo. Coisa que nos parece impossível.

J. P. OLIVEIRA — Itabaiana — (Sergipe)

HOLLYWOOD E O FESTIVAL

São Paulo, aproveitando as festividades do seu 4.º centenário, programou um festival cinematográfico. Muitas embaixadas de "astros" e "estrêlas" do mundo inteiro vieram abrilhantar o espetáculo.

Da sua organização tomei conhecimento apenas o que os jornais e revistas publicaram. Da sua parte artística, o retrospecto do ator Eric Von Stroheim, "double" de ator, diretor. Fêz mesmo sucesso filmes que há mais de vinte anos também colheram triunfos. "Marcha Nupcial", "Grande Garbo" etc. "Aurora" o célebre celulóide de Murnau, com Janet Gaynor presente ao festival e George O'Brien foi outro celulóide vitorioso.

Das celebridades que compareceram, Ninon Sevilha deu "show". Bamboleou muito falou incessantemente das suas jóias roubadas. Eric Von Stroheim foi a figura principal dêste festival. Ditou ci-

(Cont. na pág 34)

Cine Respostas...

(Continuação da pág. 30)

CRESO RODRIGUES BASTOS (Rio) — A respeito das biografias, obséquio ler o "item" "C" da carta anterior, endereçada a Fábio Di Simoni. "A CENA" agradece. Números para o sorteio dos álbuns: 174, 175 e 176.

LUIS PIRES JOSE' (Rosário do Sul, Rio Grande do Sul) — As sugestões para fichas técnicas das críticas vão ser atendidas do 2º semestre em diante. Trata-se de outra sugestão vitoriosa. Tantos foram os pedidos que em um dos próximos números já será posta em prática. Quanto às capas ainda depende da apuração. Grato. Números para o sorteio dos álbuns: 177, 178 e 179.

DICK DRUMOND (Ouro Prêto, Minas) — A sua carta vai ser entregue à gerência, a fim de melhorar a distribuição em Ouro Prêto. Entretanto, como "A CENA" está com uma circulação cada vez maior, seria aconselhável uma assinatura mas, sòmente através de registro. Na barra inferior da página 34 há esclarecimentos a respeito. Agradecemos as gentilezas. Números para o sorteio dos álbuns: 180, 181 e 182.

MARC CAMPOS (Barra Mansa, Estado do Rio) — A ampliação do Cinema Brasileiro não é aconselhável no momento em que a maioria dos estúdios está paralizada. Assim que melhorar a situação, será incontinente ampliada. Números para o sorteio dos álbuns: 183, 184 e 185.

MARCOS DE SOUZA CAMPOS (São Paulo) — Justissima a sua sugestão em tôrno de uma capa de Jean Simmons. Entretanto, já no número 23 sairá em páginas coloridas e centrais. Demorará um pouco mas sairá com honras. Simultâneamente com a sua biografia entre "Os grandes vultos da tela". Vamos pedir a L. Boltshalser, que agradece. Números para o sorteio dos álbuns: 186, 187 e 188.

MAGNÓLIA COSTA FREITAS (São Paulo) — E' muito antiga a revista que folheou. "A CENA" não pode tomar compromissos para ajuda de ingresso ao cinema brasileiro quando os próprios contratados estão sendo despedidos em massa. A crise é muito séria para pensar no assunto. Gratos pela carta. Números para o sorteio dos álbuns: 189, 190 e 191.

J. HELVÉCIO MASCARENHAS (Bahia) — A) — "A CENA" é a única revista do Brasil que tem uma secção permanente e semanal de "ballet". O colorido é recente na revista (1954) e sòmente veio a ser aperfeiçoado do número 20 em diante. Têm saido diversas fotos em côres sôbre dança mas não poderia sair tudo de uma vez. O seu pedido vai ser atendido pois, através de serviço especializado, recebemos alguns artigos sôbre o "ballet" na França, exclusivos para "A CENA"; B) — Idem, sôbre teatro. Vão sair também; C) — "De todo o mundo", em atenção a inúmeros pedidos, vai ser ampliada a partir do segundo semestre do corrente ano; D) — O amigo "acertou" em cheio em tôrno das Cotações. "Cine-Respostas" foi outra secção muito solicitada para o aumento e, salvo motivo excepcional, já passou a sair semanalmente (do número passado em diante); E) — A questão da distribuição é de difícil solução. A original "enquête" "As cotações dos leitores" veio provar que a fase de 1954 de "A CENA" está sendo muito apreciada e motivando tantos documentos de análise importantes conforme o seu. Pena que o prazo para o recebimento de "notas" e sugestões venha a ser encerrado no dia 31 de maio. A solução de urgência, em virtude de a venda da revista ter aumentado muito e, conseqüentemente, a circulação, é o recurso da assinatura (sòmente aconselhamos por registro), cujas tabelas são publicadas na barra inferior da página 34; F) — Agradecemos a sua lista de atores que vai ser devidamente alvo de atenções. Muitos dos que citou sairam recentemente em "A CENA". Outros, estão sendo alvo de reportagens atuais conforme Laurence Olivier (próximo número), Vivien Leigh (atual), Jane Russell (passado), Marilyn Monroe ("CENA" 15), Gregory Peck (nº 14), Jean Marais (nº 19), Michelle Morgan (número 20 isto é, também no passado), Ava Gardner, no próximo, etc. Isto significa que os seus pedidos foram atendidos. Números para o sorteio dos álbuns: 192, 193 e 194.

OSCAR TELES (Baurú, São Paulo) — Deanna Durbin afastou-se em definitivo do cinema. Conseqüentemente, passou a não interessar às agências especializadas e aos correspondentes estrangeiros. E outra razão porque o seu pedido ainda não foi atendido é porque ela e o último espôso viajam muito, passeando de um para outro país. Embora com outro nome, "Os melhores filmes de todos os tempos" representa um autêntico arquivo da tela. Da mesma maneira: "Os grandes vultos da atualidade e do passado" e "A nossa capa". Conforme já deve ter verificado a promessa já foi cumprida. Apenas com o critério julgado o melhor possivel, devido à larga experiência jornalistica da direção e da equipe atual de "A CENA". Grato pela gentileza e vamos aguardar que Deanna reapareça "Em qualquer parte da Europa". Números para o sorteio dos álbuns: 195, 196 e 197.

GERVÁSIO PEREIRA (São Paulo) — A sua anterior carta foi respondida em "A CENA" nº 20 (página 33). O pedido de Stewart Granger e Jean Simmons em "A CENA" nº 23. Os seus números para o sorteio já foram publicados no referido número.

MOLRNA S. DEL VALLE (Curitiba) — Agradecemos a cartinha. O caso de Fernando Lamas é de opinião pessoal. A critica de todo o mundo fala mal mas o sexo frágil acha que êle é bonito e o vê com outros olhos. Clark Gable foi dispensado pela Metro. A crítica americana e européia o liquidaram. Os brasileiros merecem apoio porque são novos. Números: 198, 199 e 200.

Página do Leitor...

(Continuação da pág. 33)

nema para quem quis ouvi-lo, e fêz as costumeiras poses de oficial prussiano, tão conhecidas dos seus filmes. As delegações de outros países pouco ou nada fizeram para dar vida ao festival.

Felizmente com a chegada da delegação americana, abrilhantada com a presença de Edward G. Robinsson, Walter Pidgeon, o turbulento Errol Flynn, Janet Gaynor, Jeanet Mac Donald, Adrian, Fred Mac Murray, Irene Dunn, Robert Cumings, June Harver, Melvin Le Roy e outros, a coisa esquentou. Festas e mais festas. Os jornalistas à cata de escândalos deram azas à imaginação. Surgindo os romances de Ann Miller, Fred Mac Murray, e aquela intragável cantora da Metro, Jane Powell.

O cinema brasileiro não tomou conhecimento do festival, a não ser os artistas que precisam de publicidade para melhorar um pouco as suas carreiras. Afinal o que vimos foi um festival de celebridades. Vários dêles gente que teve os seus dias de glória há mais de uma década e que ainda conseguiram fazer sucesso e muito sucesso como a minha sempre querida Janet Gaynor. Para o próximo festival, enumero alguns dos futuros convidados: Sessue Hayakava, Irene Rich, Greta Garbo, Mary Pickford, Gloria Swasson, Norma Talmadge, Buster Keaton, Lilian Harwey, Olga Tsckchova, que por certo não se negarão a brilhar diante dos holofotes e caçadores de romances.

DURVALTÉCIO DE ARAÚJO LIMA (Bahia)

O CINEMA CONQUISTA...

(Continuação da página 19)

po de pessoas para outro planêta, ao ser a terra destruída.

"The Thing for Another World" foi mais um remanescente dos velhos filmes de horror do que uma aventura no espaço. Muita expectativa cerca a aparição da "coisa", um ser vegetal de porte gigantesco, semelhante a uma cenoura. E o filme se vai desenvolvendo nesse nível mental, com os cientistas fazendo canteiros para "cultivar" êsses sêres, que se reproduziam por meio de sementes!...

"O dia em que a terra parou" fêz desembarcar na terra um marciano de inteligência superior, que aqui vem em missão de paz, pregar a boa vontade entre os homens. Um bom desempenho de Michael Rennie, sem mais nada de apreciável.

"A guerra dos mundos", viagem interplanetária em sentido contrário foi, graças a seu engenho, a melhor das películas que tratam da conquista do espaço. A idealização dos marcianos, das suas armas e máquinas de voar não foi das mais brilhantes (fazendo lembrar os desenhos das revistas "infantis" de histórias em quadrinhos), mas satisfez. E as seqüências finais, da fuga em pânico, pilhagens e devastações, eram excelentes.

E as viagens pelo espaço continuam. O planêta Vênus recebeu, ainda recentemente, a visita dos indesejáveis Abbott e Costello, enquanto a Metro anuncia "Fatal planet" e os estúdios britânicos preparam "Spacewaks".

Muito breve, os apreciadores de aventuras do gênero sentarão nas poltronas do cinema e apertarão os cintos para uma viagem interplanetária em três dimensões.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº......

NOME..........................

RUA.................. Nº......

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

CABELOS BRANCOS...
Envelhecem
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569. Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00



KATHLEEN HUGHS
(UNIVERSAL)

ATRAVÉS DA OPINIÃO GERAL, NA «ENQUETE» «A COTAÇÃO DOS LEITORES», «A CENA» É A MELHOR REVISTA DO GÊNERO QUE SE PUBLICA NO PAÍS. A FIM DE PERMITIR UMA SÉRIE DE MELHORIAS, SUGERIDAS NO MESMO INQUÉRITO, NECESSÁRIO SE TORNA A COLABORAÇÃO DOS LEITORES, DIVULGANDO O MAIS POSSÍVEL AS CARACTERÍSTICAS ATUAIS DE «A CENA»

NO PRÓXIMO NÚMERO:

- ★ REPORTAGENS COM JANE RUSSELL E BEATRIZ CONSUELO
- ★ OS DON JUANS INTERNACIONAIS
- ★ VIVIEN LEIGH
- ★ ENTRE OS GRANDES VULTOS DA TELA
- ★ A COMÉDIA NO CINEMA
- ★ O LIVRO E AS IMAGENS NA FRANÇA

R. MONTALBAN
(M. G. M.)